

**FON
FON**

APRESENTA NESTE
NÚMERO:

20
ALUCINANTES
FOTOGRAFIAS
INE'DITAS DE
CARMEN
MIRANDA,
NOS SEUS DOIS
PRO'XIMOS
GRANDES
FILMES

CONTOS

ROMANCE
HISTÓRICO

MODAS

RISCOS E BORDADOS

RÁDIO

CRITICA MUSICAL

VARIEDADES

Cr. \$
2,00
EM TODO O
BRASIL

REVISTA
FUNDADA EM 1907
UM PADRÃO DE ÉTICA



Écos da PARADA DE SETE DE SETEMBRO

FLAGRANTES tomados pelo objetivo de FON-FON, no dia 7 de setembro, por ocasião do grande desfile militar comemorativo da grande data de nossa independência. As fotografias fixam detalhes das formações de pomposos criados, das fileiras da Eséncia, Marcha e Avante.



FON FON

*A Revista
feita para
o Lar*

ANO XXXVIII

NÚMERO 40

Rio de Janeiro
30 de Setembro de 1944

Diretor: SERGIO SILVA

Direção, Redação e
Oficinas:

RUA DA ASSEMBLÉIA, 62

Tel.: Diretor: 22-0377

Gerência e Publicidade:

22-4136

Caixa Postal, 97

End. telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

SUCURSAL EM
SÃO PAULO

Diretor: Werther Farinello

Rua São Bento, 220 —
8º andar.

Tel. 2-1512 — Caixa Postal
386

End. Telegráfico: Farinello

Toda a correspondência
deve ser dirigida à

COMPANHIA EDITORA
FON-FON E SELETA

Representantes na Europa:
Comptoir International de
Publicité (Garçon & C.
Lavindrey) Rue Tronchet,
9 — France — Paris VIII.
Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa. . . Cr\$ 1,50

Número atrasado Cr\$ 2,00

Número atrasado
pelo Correio. . . Cr\$ 2,50

PREÇOS DAS
ASSINATURAS EM TODO
O BRASIL

(Porte simples)

Ano..... (52 ns.) Cr\$ 70,00

Semestre (26 ») Cr\$ 36,00

(Registrada)

Ano..... (52 ns.) Cr\$ 96,00

Semestre (26 ») Cr\$ 50,00

As assinaturas terminam e
começam em qualquer mês.



O mar revolto, á noite, talvez palpite e sonhe num longo pensamento luminoso. Antes, ao sol, aos dardejões da luz, já o seu dorso imenso frema em estremecimentos de faíscas e cintilas, em orrepios fagulhantes de tremulinas de ouro aceso, como se urna esteiro de brasas lucilasse, tremeluzindo, sob o cinerário das espumas.

A lareira do sol, na ilusão do revérbero, como que arde no fundo do seu seio, sob a eterna efervescência das ondulações, entre o perenal ebulição dos espraicamentos borbulhantes!

Mas, á noite, talvez sonhe e sofra, ainda que acariciada pela luz enfermeira do luar, ainda que ablandiciado pelas lhamas de prata do plenilúnio consolador, talvez sonhe que os corais são brasas encandecidas, e que os rarejos e as pulverizações de cristal são nésgas de fumaça diluindo-se na azul; talvez que sofra, contorcendo-se em vaga, trespassado pelo golpe inflamada de tôdas as estrelas do céu!

Imagino, neste enlêvo de visionar a salsa amplidão misteriosa, que tôdas essas luzes que brilham no âmago profundo do mar, que refulgem sobre a marulhosa superfície verde, são reflexos de piras funerárias, lampejos de círios bruxoleantes, fagulhas de túribulos, porque o mar é um cemitério.

O vento encanece a terra. Escarquilha-a de árvores derreçadas, macera-a de livores de velhice. Passa, tateando, entre a natureza que tiritia, entreveçada, sob os androjos do inverno. Despetala os jardins, enrodilha-se em remoinhos, para formar cantuchos de folhagem, espirais de petelas, com que atufalhar, longe, o velho mar arquejante, martalha de sua agonia convulsionada.

O mar é o cemitério dos ventos...

Cemitéria de ventos

Os rios são grinaldas, de ruínas de ninhos e de ramos, que se deslaçam, sobre o esquite oceânico, em primaveras emurchecidas, em pomares fonados.

Aquelas torres submersas da legendária cidade d'Is, com que nos deslumbra o lapidar Renan, certo, tangiam, num rumor marulhento de finados, sob o luto litúrgico da noite, entre o pranto elegiaco das ondas carpideiras, longos, saturnos dobres de resposos.

Velas, de barcos indecisos, adejando sobre o mar, são lenços brancos para enxugar-lhe o pranto dos borrifos. Gaiotas são adeuses da terra, de asas abertas para a despedida.

Há uma cruz em cada mastro, em cada verga. A espumarada é um sudário. O horizonte é tarja.

Vede os corais: sangue. Olhai as pérolas: lágrimas.. Escutai, secretamente, o bojo amargurado dos búzios surdinantes: lamentação!

A redama da lua, pura e alva, hóstia consoladora, imáculo ostensório do azul, profunda, sofregamente haurida pelas vagas ofegantes, é extrema-unção, viático que se esparge sobre as águas.

A sombra de uma ilha, esquecida na solidão, como uma eça...

E êsse murmulho, que soluça eternamente dentro do coração tímido das conchas, prova a imortalidade da alma errante do vento, imortalidade que resplandece e sussurra e canta em cada nova estação aromal, para a fecundação dos prados e dos conteiros, para a ressurreição musical da primaveril beleza da terra reflorida em rosa, em perfume, em pamo, pela eclosão redolente das sementeiras, pelo idílio nupcial dos polens e dos insetos!

EDVARD CARMILO

**UM DESODORANTE
DE AÇÃO DUPLA**



**ARRID EVITA MANCHAS
E ODOR NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

ARRID dá a pele uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege contra o mau odor e a sua ação contra as manchas. Além de um desodorante de delicada fragrância com a sua consistência de um creme de cacau. Desaparece naturalmente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode estar completamente desodorado e divertir-se à vontade, onde quer que esteja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e escolha com Arrid... começa a usar logo mesmo. Extremamente econômico! Preço Cr. \$ 4,00 — Preço especial Cr. \$ 9,50



Bôa digestão
Organismo são
As
**PILULAS DE
REUTER**
Asseguram diges-
tão rápida e fácil.

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mms. Campos
**FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL**
À VENDA EM TODA A PARTE

Amanhã, o silêncio...

De AGENORA DE CARVOLIVA

VER Paulo Roberto ali, naquele leito de lençóis muito alvos, as faces pálidas, o olhar em fogo, era ter diante dos olhos a visão de um atleta romano tombado na arena ferido de morte após rijo combate. Havia bem uns dez minutos que ao seu lado, afagando-o nas mãos, os olhos cheios de lágrimas, sem poder articular palavra, por fim, foi ele que, como um raio, quebrou o silêncio:

— Mestre! Mestre... Eu tinha certeza de que não deixarias de vir... És a única pessoa que tenho no mundo, a única que me ama...

Consegui recobrar o voz e falei docemente:

— Não, meu amigo, não é assim! Dize-me que sou a tua maior amiga, aquela que te é mais compreensiva e dedicada, porém não a única! Um homem como tu, tão inteligente, tão culto, tão atraente, tão bom, não pode ter apenas um amigo e sim uma multidão sem fim de admiradores que te estimam sinceramente, para todo o sempre, porque tu, como ninguém, sabes falar falar às almas!

— Minha boa amiga, estou só, acredita! Os meus admiradores amam o intelectual, o médico notável que trouxe à luz do raciocínio e da vida centenas de cérebros obscurecidos! Adoram o homem que se deu a si mesmo de corpo e alma às lides de uma vida árdua e heróica, mas esqueceram por completo o homem, o ser humano que, como sofre também sente, também chora!

Eu compreendia perfeitamente o desespero de Paulo Roberto. Era ele mais uma vítima da eterna ingratidão humana. Se alguns lhe tinham indiferença, quantos não se estariam regozijando com o seu estado, que lhes deixava a conquista de uma vaga nos maiores hospitais e nas cátedras de maior importância!

Olhei ao redor e vi o número de

presentes e telegramas que lhe chegavam diariamente. Eram todos, pude compreender, disfarces vistosos da inveja, do despeito, do ódio, da etiqueta e da adulação! Nada havia que me fizesse sentir uma emoção verdadeira, uma amizade carinhosa. Quem conhecesse Paulo Roberto como eu tive a ventura de poder conhecer saberia que ele amava a simplicidade e não a ostentação. Que lhe faria bem à saúde de corpo e do espírito uma palavra meiga de consolo, um riso de esperança, um aperto de mão afetuoso — ofertas valiosas de que ele fora tão pródigo!

Sim, em meio ao ruído do sentimentalismo do mundo, o meu amigo estava só, só como sempre esteve. E ia morrer. Eu bem o via pelo seu próprio sentir e pela voz secreta que nunca me falhou. Assim mesmo eu, cheia de mocidade e de vida, me sentia fraca e desamparada, diante daquela força mágica que se extinguía.

Fui a enfermeira mais doce, a companheira que se esforçou por ser mais agradável, proporcionando-lhe mil distrações, sempre sorrindo de uma alegria que ninguém superaria falsa.

Por fim, tive de ir-me. Prometi voltar ainda mais cedo no dia seguinte. Mais sereno e confortado Paulo Roberto sorriu:

— Até amanhã... Amanhã bem cedo. Vais sair e em teu lugar ficará o silêncio, esse terrível silêncio que nos cerca, nos domina, nos penetra até o coração que parece enregelar-se.

— Até amanhã, querido amigo. Amanhã quero encontrar-te tranquilo e feliz. Até amanhã.

Descendo as escadas pude sentir o silêncio que se fez à minha saída. E meu coração, pulsando fortemente, parecia revoltar-se contra a grande verdade: amanhã... o silêncio... Eles não se separariam nunca mais...

Pó de Arroz
RÊVE ROSE
de GALLY

Sonho

que se tornou realidade!...



Nas cores: Branco - Rosa - Raquel - Ocre claro
- Ocre escuro - Ocre rosée - Gitane e Péche

À VENDA EM TODO O BRASIL



O efeito da Loção Brilhante será imediato. Seus cabelos se tornarão naturalmente ondedos vigorosos e luzidios. O couro cabelludo ficará limpo, livre de caspa e da seborrhea. A experiencia custa pouco, e vale a pena fazel-a.



PRISÃO DO VENTRE?
 Pílulas
ALOICAS
 REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos
 A VENDA EM TODA PARTE

MOLDES «FON-FON»
FON-FON avisa suas gentis leitoras de que, desta data em diante, os moldes «FON-FON» serão cobrados na seguinte base: entregues no balcão — Cr\$ 3,50; remetidos pelo correio — Cr\$ 4,00.

CINEMA NACIONAL

SURTO DE PROGRESSO NO CINEMA NACIONAL

FAZ poucos dias, o sr. Souza Barros, presidente da "Cooperativa Cinematográfica Brasileira", em entrevista a um dos nossos vespertinos, fez declarações bastante animadoras quanto ao futuro de nossa indústria cinematográfica de longa metragem.

Organização fundada com os objetivos determinados pela finalidade cooperativista e inerentes a tais empresas, todos os associados da C. C. B. acabam de ser beneficiados com a diminuição de taxas de distribuição, e ainda a Cooperativa se põe à disposição dos cooperativados com o fim de financiar-lhes os filmes — complementos com os recursos próprios, ou os de longa metragem, recorrendo a créditos.

Em certa parte da entrevista o sr. Souza Barros revela um dos maiores males de nossa indústria fílmica (se não o maior): — o velho hábito de o exibidor ou o distribuidor não prestar contas dos filmes exibidos aos respectivos produtores. Textualmente declara o presidente da Cooperativa Cinematográfica Brasileira: "Por outro lado a Cooperativa continuará a fazer o que até ao seu aparecimento era inédito em nosso meio cinematográfico: pagar ao produtor nacional pelas faturas extraídas. Esse processo, a-pesar-de ser exigido por lei, só é aditado pela Cooperativa."

Passando às boas e alviziareiras notícias aquele cineasta nos mostra não ser apenas no Rio o surto de animação e progresso de filmes de arte de longa metragem, com os louváveis exemplos da "Atlantida". A "Cine Sol" está rodando "Isto quer dizer Amor"; a "Libertas Filmes", de Minas, já deve ter iniciado "O Revoltado"; no extremo norte, a "Amazônia Filmes", com sede em Belém, está nos últimos preparos para come-

çar a filmagem de grande película com os motivos do norte.

Tôdas essas produtoras são filiadas à Cooperativa Cinematográfica Brasileira, cujo desenvolvimento podemos medir pela vasta extensão de sua área de influência, abrangendo hoje todos os Estados do Brasil onde há produtores de complementos e jornais; dest'arte coube à C. C. B. reuní-los sob sua bandeira, amparando-os em todos os sentidos, desde as taxas mais baixas de distribuição, aos auxílios e financiamentos a associados que o solicitarem.

Indiscutivelmente, é a falta de dinheiro o grande mal do nosso cinema. Até agora só tivemos uma Companhia que conseguiu vencer; a "Atlantida". Contando com seus próprios recursos, amparada financeiramente pelos irmãos Burle, atualmente seus diretores, essa Companhia já pôde considerar-se vitoriosa. Desde "Moleque Tião" até "Romance de um Mordedor" ora em filmagem, a "Atlantida" se impôs e se firmou, tudo fazendo crer que não haja nada mais que possa deter-lhe o progresso.

Os demais estúdios caíram em decadência, interrompendo filmes que prometiam sucesso nas bilheterias, trazendo, com o insucesso, enorme desanimo entre quantos se interessam pelo filme brasileiro. Em que pé está "Inconfidência Mineira"? Quando se vai terminar "Romance Proibido"? São interrogações melancólicas que fazem os "fans" brasileiros com amargura no coração.

Diante, porém, do que se passa com a Cooperativa e em face dos sucessos da "Atlantida", confiamos em que, dentro em breve, todos os demais produtores encontrem o caminho do êxito, realizando, recebendo, progredindo. O Brasil precisa de todos, a fim de criar em seu território a indústria nacional dos filmes de arte.

Renato de Alencar

BIOGRAFIAS RELÂMPAGO

Billy Bevan. — Seu nome real é William Bevan Harris. Nasceu em Orange, Austrália, a 29 de setembro de 1897. Casado com Leona Roberts, não profissional. Muito cedo se iniciou no teatro, adquirindo experiência. Trabalhou em complementos com Mach Sennett. Já tomou parte em cerca de 40 filmes nos estúdios de várias produtoras.

Ingrid Bergman. — Nasceu na Suécia, em 1917. Teve desde os

seus primeiros anos uma educação exemplar, frequentando depois altas escolas dramáticas e culturais. Em 1929 estreou no cinema norte-americano com "Intermezzo, para uma história de amor", da U. A. Selznick. Em 1941 apareceu no belo filme: "Adão tem 4 filhos". Um dos seus mais impressionantes trabalhos foi aquele ao lado de Spencer Tracy, em "O Médico e o Monstro", recentemente, a admiramos em "Casablanca", o melhor filme de 1943.

Novo método para melhorar a pele em 14 dias!

— Método MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

O maravilhoso método embelezador que oferecemos a todas as mulheres, consiste na Nova Massagem Fricção Palmolive, feita com a rica, cremosa e vitalizante espuma do sabonete Palmolive que lhe garante uma nova beleza em 14 dias apenas!

O novo método massagem Palmolive foi posto à prova por 36 especialistas em beleza da pele, em 1.285 mulheres de todas as idades e possuidoras de todos os tipos de pele. No Brasil, 81% das mulheres que experimentaram esse novo método, obtiveram resultados verdadeiramente surpreendentes.

O Sabonete Palmolive é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma, os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis e retardar as rugas. Palmolive tem uma espuma diferente, cremosa, que penetra profundamente nos poros, limpando-os das impurezas e fazendo-os respirar livremente.



Que é o método massagem fricção Palmolive



1.º - É lavar e ensaboar muito bem o rosto com sabonete Palmolive para que os poros fiquem livres das impurezas e recebam melhor a Massagem Fricção.



2.º - É lavar novamente o rosto para retirar a espuma e, em seguida secar, sem esfregar.

— Essa operação deve ser feita de manhã, ao levantar, à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia! Durante 14 dias seguidos!



3.º - É embeber uma pequena toalha comum na espuma cremosa e espessa de Palmolive e fazer, suavemente, a massagem, em todo o rosto, durante 1 minuto — exatamente 60 segundos.



EIS OS RESULTADOS QUE SE OBTÊM COM A MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

Com o Novo Método Massagem Fricção Palmolive, aplicado durante 14 dias seguidos, de manhã, ao levantar e à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia, você conseguirá:

• Pele mais clara • Cutis aveludada • Menos manchada • Menos seca • Menos oleosa • Maciez e suavidade • Pele sadia.

Comece este novo e positivo sistema de usar Palmolive, ainda hoje. Em 14 dias você terá uma nova juventude, uma pele mais fresca, clara e encantadora.

Standard Propaganda

**OS CALOS
VÃO-SE**
E A DOR PASSA... EM ALGUNS PASSOS!

Os Zino-pads Dr. Scholl asseguram alívio imediato, agindo instantaneamente de 4 modos:

1. Elimina a dor.
2. Remove os calos.
3. Evita calos e dores nos pés.
4. Torna cômodo o uso dos sapatos novos.



Livre-se deste sofrimento! Os Zino-pads Dr. Scholl dão alívio imediato às dores causadas pelos calos e os remove suavemente — enquanto V. dá alguns passos! Imediatamente cessa a dolorosa pressão e fricção do calçado. Para extirpar rapidamente os calos, são fornecidos Discos Medicados. O alívio imediato que lhe proporcionam os Zino-pads Dr. Scholl custa-lhe uma insignificância. A venda em toda parte.

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS
RUA S. JOH. 114 - 1.º
RUA ARDUCHI, 11 - SAULO

IA-S-35

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
D. SÍEPSIA ULCERAS

Papéis
BANKETS



CONTRA CABELOS BRANCOS
E QUEDA DOS CABELOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

INTENSA ATIVIDADE TÉCNICA E CIENTÍFICA NO LABORATÓRIO DA COMPANHIA BOLIDEN

ALÉM do ouro e do cobre, descobriram-se, ultimamente, alguns metais raros nas minas da companhia sueca Boliden, Suécia setentrional. Os mais importantes dos novos metais chamam-se "cosium", "lítium", "rubídium", "solenium". O cosium, por exemplo, possui a qualidade pouco comum de fundir a uma temperatura muito baixa, mais 28°, centígrados, o que faz com que ele se funda mesmo ao calor da mão, e, além disso, se inflama quando exposto ao ar. Por este motivo, não é produzido em forma metálica, a não ser para fins especiais, mas em combinação com outras matérias sob a forma de sais. Estas matérias estão em vias de ganhar terreno rapidamente, depois que se verificou a sua utilidade para certos fins, como por exemplo na electrotécnica (células fotolétricas, tubos de gás neon, etc.), o que as torna cada vez mais importantes tanto para a ciência como para a indústria.

O rubídium é empregado quasi que para os mesmos fins que o cosium. Um outro dos novos metais, o lítium, já foi bastante tempo indispensável na fabricação de acumuladores alcalinos. Graças ao fato da produção industrial haver começado logo no início da guerra, pôde-se prover a indústria sueca, durante a guerra, deste metal importante de que se serviu igualmente para substituir o estanho em certas ligas de chumbo.

Anteriormente, o solenium foi empregado principalmente como decolorante na indústria do vidro e da porcelana; mas durante os últimos anos descobriu-se um outro domínio de emprego para este metal: se ele for colocado como uma tênue capa sobre uma placa de metal e revestido de uma nova camada de metal, não transmite a corrente elétrica senão numa só direção, e serviu-se desta qualidade para empregar o solenium na produção de reparadores elétricos. Todos os aparelhos necessários para transformar a corrente alternativa em corrente contínua podem ser, daqui por diante, substituídos por uma série de placas de metal com solenium. Este reparador de selenium já se tornou um grande artigo de venda na indústria elétrica.

Outros metais ainda são objetos da atenção especial dos sábios suecos em Boliden: por exemplo, o "niobe", o "tantalo" e o "boryllium". Em suma, os minerais de Boliden são extremamente complexos e em grandes quantidades

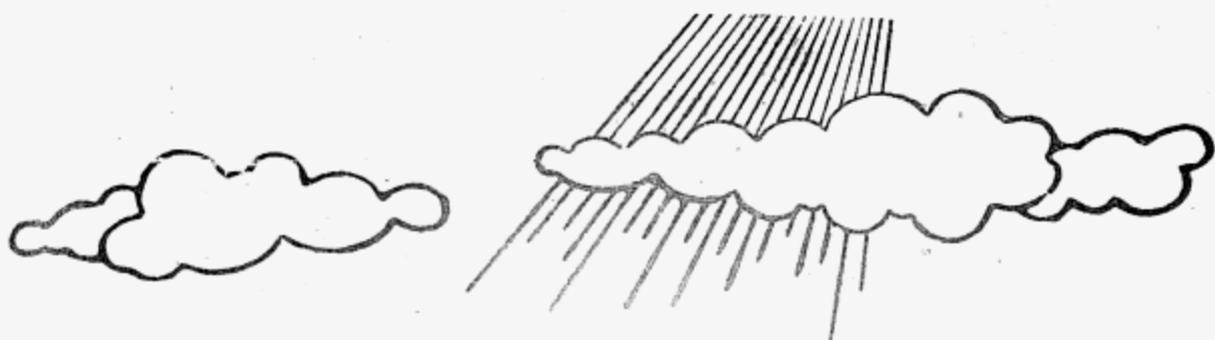
contêm 49 de todas as matérias elementares da terra.

A seção de análise espectral realizou um excelente trabalho na pesquisa de fragmentos de níquel, enquanto que a seção geoquímica se ocupa de um mister bem diferente, isto é, determinar a idade dos minerais suecos. O exame neste domínio deu até agora o mesmo resultado do dos exames similares no Canadá, isto é, indicando 2.000 milhões de anos como idade máxima. Do ponto de vista prático, tal exame deu como resultado que se podem tirar certas conclusões quanto à conformidade entre diferentes espécies de rocha, e que, por sua vez, pode ser utilizado na pesquisa de minerais.

Presentemente, os problemas mais importantes cabem, provavelmente, à seção metalúrgica do laboratório de Boliden. Durante os anos de guerra decorridos, conseguia-se elaborar um novo método para a produção de níquel e chumbo. Não foi senão depois da descoberta de certos fragmentos, em Lainejaur, que se pensou nas possibilidades de produzir o níquel e, neste momento, essa produção se eleva a muitas centenas de toneladas por ano, por via electrolítica. No começo do próximo ano, a Suécia terá em Ronnskauer sua primeira fundição, completamente eletrificada, para a produção de chumbo, sem ter que empregar o carvão.

Finalmente, o produto secundário arsênico é objeto de profundas pesquisas. Boliden é talvez a maior produtora de arsênico do mundo e, depois da guerra, espera-se fazer grandes vendas, desde que os mercados mundiais sejam abertos de novo. Como meio de impregnação, o arsênico fez sucesso, assim como no trabalho de proteção às plantas. Em lugar do arseniato de chumbo, anteriormente empregado, começou-se a servir-se do arseniato de zinco, que se mostrou mais eficaz e menos nocivo ao homem.

Visava-se empregar o arsênico na luta contra as moscas e as hervas daninhas; alás julga-se que se está em vias de produzir uma preparação de arsênico de uma tal natureza, que pode ser empregada contra a herva daninha, no meio de um campo semeado, sem prejudicar a colheita. Um outro domínio de emprego para o arsênico apresenta-se na silvicultura, onde ele é utilizado para exterminar os insetos nocivos.



A *Natureza* indicou a

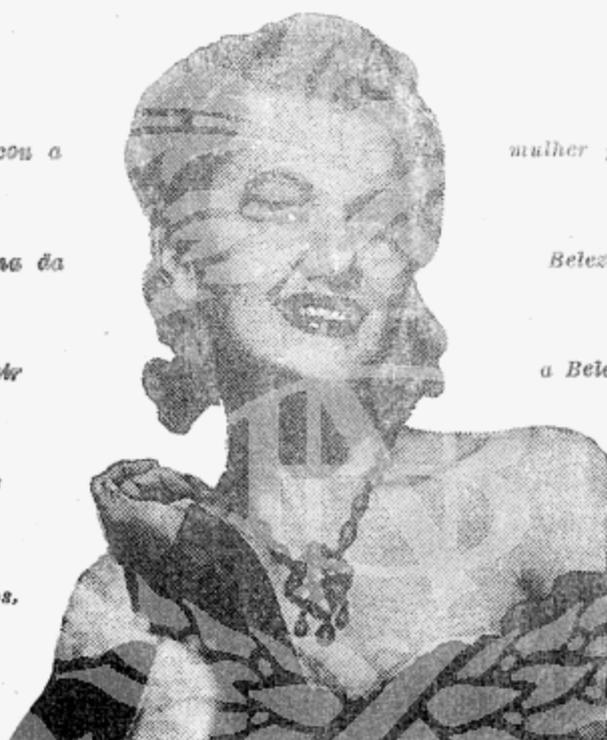
pressão máxima da

Mulher não pode trazer

nada a apresentar aos

rostos, no colo, nos braços.

A *Natureza castiga*



mulher para ser a ex-

Beleza do ser humano. A

a Beleza que ela é desti-

olhos do Homem, no

na maciez da pele.

a Mulher que não se cuida-

As imperfeições de sua pele, minha Senhora, tais como sardas, pano, brotoejas, cravos, espinhas, são corrigidas com o uso do Leite de Beleza MATARY, que limpa, amacia e alveja a pele. MATARY é um produto científico; seu perfume é suave e delicioso.

A' venda em todas as boas casas do ramo.

LEITE DE BELEZA

Matary

Limpa, alveja e amacia a cutis.

Fabricantes: C.C. Benaion. — Manaus. Rio. Distribuidores Gerais no Brasil: A. Bernardino & Cia. Ltda., Manaus. Representante Exclusivo em Rio, S. Paulo e Minas: ANGELO NEVES — Av. Almirante Barroso, 91-6.º Sala 612.

NOITE em Copacabana... A via-látea punha mil reflexos sobre o mar. A lua prateava a areia. O céu era cintilante de estrélas. Na curva da praia, mil luzes, semelhantes a um colar de pérolas, espelhavam-se sobre o mar...

Do terraço de um balneário, um moço alto e elegante contemplava aqueia noite maravilhosa. Uma jovem trajada de cetim branco, aproximou-se do rapaz.

— Olivier! — chamou, com voz doce:

Ele se voltou e disse, sorrindo: — Nadia... Estava pensando em você...

— Eu também, Olivier, porém... por que nos amamos? Era melhor nunca nos termos encontrado!

— Minha querida, juntos visitamos toda a América do Norte. Viamo-nos constantemente. Você é linda, adorável e... o amor não tardou a desabrochar no meu coração!

— Sim, Olivier, mas amanhã nós nos separaremos para sempre...

— O destino assim o quer—murmurou ele; você é casada, não pode, nem quer deixar seu marido.

— Isso é impossível! Amanhã embarcarei para São Paulo. Meu espôso está à minha espera. Não posso abandonar esse homem! Ele é tão bom, tão carinhoso... Você também não é livre. Sua noiva espera-o em Paris...

— Nadia! Nunca poderei olvidar os momentos passados com

Amargura

Occil Vanetti Camps.

você! Nunca poderei esquecer esse rostinho delicado, esses grandes olhos cismadores, essa voz tão doce!

— Não diga isso, Olivier! Lá em Paris, na Cidade Luz, com a visão do Sena, a magia do Bois, as noites em Montmartre e ainda uma linda noiva... esquecer-me-á facilmente...

— Nadia, amo-a como nunca amei na vida; você é o meu sonho dourado. Por que não nos encontramos antes? Por que?

— Olivier, você é tudo para mim. Partirá amanhã, e levará consigo meu coração, minha felicidade, minha vida...

— Nadia. A sua bela imagem jamais sairá do meu pensamento! Querida... esta noite é a nossa última noite... Contemple essas ondas... Sobre cada uma delas brilha um ralo de luz... Que noite tão linda e tão triste!

— Sim, esta noite maravilhosa é a última que passamos juntos... Chegou o cruel momento da separação.

Ele fitou o rostinho da jovem. Quis dizer-lhe que a adorava; que ela era tudo para ele. Quis dizer-lhe mil cousas, mas não pôde; apenas teve forças para balbuciar:

— Adeus... Nadia! Ela ergueu para ele seus olhos brilhantes de lágrimas, e murmurou:

— Olivier... adeus!

— Ele se afastou rapidamente.

Ela apoiou o rosto entre as mãos e começou a chorar silenciosamente. Como mentira! Ela não era casada; era livre. Livre para amar, livre para seguir esse homem que a adorava! No entanto... Ela estava doente. O médico dera-lhe apenas dois meses de vida. Não; jamais poderia casar-se com Olivier! Seus dias eram contados; ela não viveria mais do que oito semanas...

A jovem fitou novamente o mar; agora ela o via tremulamente através das lágrimas. Nada mais lhe importava o quadro esplêndido que lhe oferecia a Natureza! Seu grande e único sonho estava desfeito.

Para ela, tudo havia terminado. Olivier dirigiu-se para a praia.

Lágrimas quentes, de intensas amargura, deslisavam-lhe pelas faces pálidas.

Ele também mentira! Em Paris não era uma noiva que o esperava; era uma cadela! Pois ele era um ladrão. Havia assaltado um Banco e fugira. Agora, porém, estava perseguido por toda parte... Precisava entregar-se.

Ele fitou o céu e, entre as estrélas, reviu a imagem de Nadia...

O destino os separara para sempre...

**GRIPE /
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

O Transpirol é apresentado em tubos de 20 comprimidos e em carteirinhas de 2 comprimidos.

INSTITUTO ABDON LINS

DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina.

Do Laboratório Bacteriológico da Saúde

Pública. Catedrático da Escola de

Medicina e Cirurgia. Docente da

Faculdade Nacional de Medicina.

SECÇÃO DE ANALISES CLINICAS:

EXAMES DE SANGUE, PÓS, ETC.

CONFECCÃO DE VACINAS

AUTOGENAS, ETC.

RUA RODRIGO SILVA, 30

(1.º andar)

Telefone: 22-1385



Sua como a
Luz da Lua

A suave projecção de sua personalidade
ganhará um novo encanto do toque mágico
do sutil e perfumado Pó de Arroz Coty.

É de impalpável finura, de aderência
perfeita. Confunde-se com a epiderme.

E acentua esse toque de juventude,
que tanto enleva e seduz.



PÓ DE ARROZ
Coty



SUA SEGUNDA EPIDERME!

Há um requinte de bom-gosto e elegância íntima, ao vestir essa segunda epiderme que é a lingerie Valisère.

De tecido indesmalhável e corte individual rigoroso, sobre ela os vestidos assentam melhor.

Lingerie
Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA

PAN M.

Fon-Fon na Sociedade

SOB A GRANDE MARQUISE

... "Quero-te, oh! Natureza, oh! minha grande amiga!
Com tão profundo amor e emotiva ternura
Que, por mais que te cante, eu talvez não consiga
Dar do meu sentimento a medida segura."

FLORA POSSOLO, a inspirada e inteligente autora de "Crepúsculos de Rosa e Cinza", escreveu estes versos panteístas provavelmente num dia de Primavera como o de domingo atrasado, em que...

"... A aragem passa sobre os ramos sem queixume
E a acariciar as flores se demora..."

E' o ressurgimento da vida na cadência precisa de uma ordem que se cumpre sem saber porque nem donde emana; sabe-se, apenas, que deve ser obedecida. As leis da Natureza dispensam tribunais, porque contra elas não há apelação...

O prado da Gávea é o melhor refúgio do carioca nos dias de calor. As fans do turf que ficaram no Rio lá estavam desmentindo o velho e irreverente Shakespeare quando afirmou: "Volubilidade, o teu nome é mulher..." As outras, porém, foram à Quitandinha para o original "week-end" de caridade que senhoras da alta sociedade organizaram em benefício dos que a sorte esqueceu.

A nota palpitante foi a vitória de "Estrondo" no Grande Prêmio Guanabara. Mme. Porto ganhou e ficou muito admirada porque sempre perde.

— Então, por que jogas? — pergunta uma amiga.

— Para confirmar a minha falta de sorte no jogo.

A sra. Arthur Pires preferiu as corridas das delícias da Quitandinha. Mme. Reveillau Moreira estava muito entusiasmada com a recente inauguração do seu belo apartamento à praia do Flamengo; Mme. Carmem de Oliveira afirma que está um verdadeiro encanto! Mme. Esmeralda Lyra, a inteligente professora de piano que tem um ótimo jardim de infância para ensinar música, sem parecer que está ensinando, a crianças, fez um acertado jogo em "Estrondo" e ficou radiante com o êxito. E' interessante como as mulheres gostam de ganhar no jogo! Uma "ponia" acertada, às vezes, causa maior prazer do que um presente de conto de réis... Mme. Peizoto de Castro — a mais fervente turfwoman do Jockey, lá estava fiel ao seu esporte favorito. Mme. Antunes Maciel, muito distinta e chique. Sras. Genésio Dutra, Joaquim Ramos, Edilberto de Castro, Manoel Vieira, Brito Cunha e outras mais que animavam a pelouse com sua graça e encanto. A sra. Penna Costa e sua filha pareciam duas irmãs. A sra. Penna Costa trazia rico e bonito casaco de vison.

A sta. Therezinha Van Erven, cheia de vida, desafiava a pujança da Primavera. As mentinas Alencastro Guimarães e Maciel dão um nota alegre à tarde um tanto encoberta. E mais as sras. Virgílio Garcia, José Eduardo, Mayerhofer, Rissen e Flora S. Martins.

Na sala de chá, fervilhavam conversas e "potins"; onde há moças, esses pequenos pecados são comuns.

A tarde cai. Um canto de recolhimento acompanha esse pôr de sol. De novo os versos de Elora Possolo voltam a bailar no espaço:

"A tarde é um frasco aberto de perfume
Que pelo azul suave se evapora..."

Miss N.

20-0-1944

FIM DE SEMANA !



Os melhores ambientes sociais, artísticos e esportivos. Lago com barcos modernos, cavalos e bicicletas para passeios e esportes.
"Grill" rústico com sua cozinha deliciosa.

* * *

Na "boite": as melhores atrações.

* * *

Reserva de aptos. Fone. 42-6190 — Ramal 16.

HOTEL
Quitandinha

SABONETE

VALE QUANTO PESA
E' O IDEAL PARA O BANHO!

GRANDE · BOM
BARATO

A VENDA EM TODO O BRASIL

EROS VOLUSIA, MARAVILHOSA ESTROFE
DE DOIS PORTAS

Noel Fernandes Machado

O bailado tem sua inspiração na poesia, principalmente quando ele nasce da alma contemplativa de dois poetas.

E foi assim que Eros, sonho perfumado de amor, surgiu como deusa do bailado brasileiro, glorificando de maneira inimitável a arte de Terpsicore.

Na beleza de seus passos divinos, Eros Volusia vai espargindo a beleza lírica dos poemas de Rodolfo Machado e a sensualidade acre das poesias da grande Gilka.

A bailarina que levou as nossas danças típicas ao país de George Washington, mostrando-as de modo correto e original, já nasceu vencendo, sim, porque sua arte é criadora, inimitável, e possui o colorido de uma estesia invulgar.

Eros Volusia, a bailarina encantadora de "Rio Rita", que enfeitiçou os americanos com aquele chorinho do inesquecível compositor Zéquinha de Abreu — "Tico-Tico no Fubá", apimentado e brejeiro, ficou nos anais da história do cinema americano e nas páginas douradas do bailado brasileiro.

Hoje, Eros Volusia não é somente o botão de rosa divinal, mas a silhueta misteriosa que Gilka Machado criou como Deusa da Mitologia Grega.

Os adjetivos são poucos para se dizer muito de Eros Volusia: ela é indescritível como as selvas do Amazonas.

A-pesar-de muito jovem, sua biografia já é tão grande e interminável como a de Pavlova e outros, que notabilizaram o "ballet" universal contemporâneo, em suas formas múltiplas.

...E foi assim, no compasso harmonioso de uma singular metrificação, que Gilka e Rodolfo Machado terminaram a maravilhosa estrofe que se chamou "Eros Volusia".

CABELO BRANCO?

CARMELA



COMO SABER SE OS SEUS ANÚNCIOS NO RA'DIO
ESTÃO SENDO IRRADIADOS?

A Empresa de Publicidade Cruzeiro poderá fornecer-lhe diariamente um boletim com o número exato de textos e o horário em que foram irradiados.

Única Empresa Controladora de Anúncios em Rádio existente no Rio de Janeiro.

RUA DA CARIOCA N.º 72-1º and. — Tel. 42-8529 — RIO DE JANEIRO

"Eu tinha a impressão
de erguer uma
PÁ DE FERRO..."



...mas essa fraqueza desapareceu com o uso do
Vinho Reconstituente Silva Araujo

QUANDO o sangue está desnutrido pode-se chegar a um estado de fraqueza tal que os menores movimentos nos custam um esforço incomum. Mas esse enfraquecimento geral desaparece rapidamente com o uso do Vinho Reconstituente Silva Araujo, fortificante à base de peptona, quina e cálcio, há mais de cinquenta anos recomendado por grandes médicos. Se está sentindo fraqueza, se os menores esforços lhe causam grande cansaço, é possível que o seu sangue esteja desnutrido. Use, durante dois meses, o Vinho Reconstituente Silva Araujo e verá como

lhe volta o corado natural das faces, o apetite e a boa disposição. Quanto mais cedo iniciar o uso do Vinho Reconstituente Silva Araujo, mais rapidamente sentirá os seus benéficos resultados.

Disse o ilustre Prof. Henrique Roxo:...



"Atesto que, há já muitos anos, venho receitando o Vinho Reconstituente Silva Araujo. E atualmente continuo a aplicá-lo em doentes meus, colhendo ótimos resultados"...



Vinho Reconstituente **SILVA ARAUJO**

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

J.W.T

Notas de ARTE

A TEMPORADA LÍRICA. — MANON — Em 11ª bis. récita da assinatura de gala, oferecida graciosamente aos assinantes, foi a cena do Municipal na noite de joveda, 5ª.-f., 14 de setembro, a ópera de Massenet — MANON, com os seguintes intérpretes: Renée Mazella Balestas («Manon»), Charles Kullman («Des Grieux»), Silvio Vieira («Lescaut»), Americo Bass («O Conde Des Grieux»), Bruno Magnavita («Guillot de Morfontaine»), Guilherme Damiano («De Britigny»), Gretel Bruno («A Criada»), sendo regentes — da orquestra Edoardo Guarnieri, dos céros Santiago Guerra, e dansarinos Tamara Capeler, Carlos Leite, Ebba Will, Helena Pavone, Clara Antunes, Julia Rodrigue e o Corpo de Baile, sob a direção e coreografia de Yucco Lindberg e a regedoria de Americo Pereira.

MANON é a idealização litero-musical de uma desvalhada ligação amorosa, mais de corpos do que de almas, mais apetite sexual do que ternura conjugal.

A jovem colegial Manon dotada de uma animalidade exaltada que a educação doméstica não conseguira reprimir, vai para um convento, acompanhada pelo primo, Lescaut, quando lhe surgem no mesmo instante dois adoradores o velho rico Guillot de Morfontaine e o jovem cavaleiro Des Grieux. Foge para Paris com o jovem cavaleiro mas não esquece o velho rico. Em Paris cansada da pobreza de Des Grieux abandona-o para entregar-se a ou-

tro velho rico, de Britigny, amigo de Guillot. Ela não ama; o que aspira, o que quer é gozar a vida; que o moço lhe satisfaça o apetite gnesico; e os velhos a mantenham no luxo e na opulencia — E' uma infeliz como tantas outras. Mas parece que, apesar de sua inata inferioridade moral preferia que o jovem De Grieux tivesse a riqueza de Britigny e Guillot; deixaria os velhos para ser só do moço. Eis porque sabendo des Grieux iria ser padre para esquecer-se dela, não hesita em procurá-lo, seduzi-lo de novo, e voltar á vida em comum. Sonhando sempre com a riqueza leva o amante ás mesas de jogo onde ele se avilta ainda mais e cai vítima de uma cilada de Grillot; é detido como trapaceiro, e Manon como sua cúmplice. Classificada entre as decaídas Manon vai desterrada para Luisiania, na América. Acompanha-a des Grieux. Mas a viagem não se faz. Manon morre nos braços de des Grieux na estrada do Havre, depois de ter pedido e alcançado o perdão do amante pelos males que lhe causou.

Eis aí em síntese o célebre romance de Prévost, «Manon Lescaut», segundo o libretto de Meilhac e Gille dela extraído com alterações, e que serviu de letra á musica de Massenet. «E' um romance muito perigosos», diz Lanson; «narra uma grande paixão uma paixão que absorve dois seres, devorando-lhes as almas e as existencias... As necessidades fazem que ela degrade tanto a Manon como a des Grieux, precisamente por seu irresistível po-

der. Eles se amam tanto que se aviltam pela persistencia de seu amor.» «Eles se desejam» — devia dizer Lanson e não — «eles se amam». O amor não avilta nunca...

A musica de Massenet adapta-se inteiramente á história romanesca do abade Prévost, segundo o libretto de Meilhac e Gille.

Apesar das restrições e dos reparos que se lhe tem feito, alguns justos e a maior parte injustos, «Manon» fica sendo uma obra-prima da escola francesa pelas suas qualidades de clareza, justo equilibrio, discreção, elegancia, tão características do espirito francês.

Mantendo embora as melodias descontinuas da opera antiga, Massenet soube envolvê-las bastante na trama orquestral, de sorte a dar certa continuidade aos fragmentos vocais, e aproximá-la assim da opera moderna, do drama lirico, segundo as lições de Wagner que o mestre francês conhecia bastante.

«A musica de «MANON» — escreve René Brancour na VIE DE MASSENET, segundo a versão brasileira que temos presente — se accommodou ás habéis franquezas do libretto e soube aproveitá-las maravilhosamente a custa de alguns temas languidos, apaixonados ou picantes, e o público não se cansa das suas frequentes repetições instrumentais ou vocais... A paixão vibra quando é preciso, na partitura toda, porém muito mais ainda a sensualidade que se envolve em atraente roupagem. Nela é tudo movimento, e o próprio recitativo que liga as melodias ou os conjuntos apenas dela se

É fácil dar brilho duradouro aos metais!

Dr. Silva
CIRUR
TOS X

Brasso dá brilho AOS METAIS!

BRASSO

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÈ AS 7 HORAS DA NOITE

ALFANDEGA, 50

- Até no escuro distingo

- é Sabonete
LEVER!

AMIGA: - É verdade! É Sabonete Lever. Como pode distingui-lo?

ELA: - Muito simples! Identifiquei o Sabonete Lever pela sua deliciosa suavidade!

AMIGA: - Você sabe porque Lever é feito assim?

ELA: - Naturalmente! É para que possa produzir espuma imediatamente! Olhe! Bastam cinco ligeiras fricções e aqui está a rica e abundante espuma. É com a mesma rapidez com que surgiu, a espuma se estende sobre a pele, absorvendo e removendo as impurezas e os resíduos da "maquillage".

AMIGA: - Cinco fricções apenas? Ótimo! Então gasta pouquíssimo!

ELA: - Claro! Lever não precisa ser esfregado em demasia, para produzir espuma suficiente. Daí a razão de ser tão econômico e tão durável, qualidades que se podem comprovar, marcando-se o dia em que entra em uso. Além disso, Lever é recomendado por 9 entre 10 estrelas do cinema, áquelas que desejam uma cutis macia e juvenil.

*** LEVER - o sabonete das estrelas!**



LINTAS LTS 72-0251 B

distingue graças ao incessante frastear da orquestra, lembrando a cada momento notas que não teríamos tido tempo de esquecer. «Inútil é insistir sobre o que canta em todas as memórias. Convém, todavia, ressaltar o quadro da sala de visitas de S. Sulpício, onde estão reunidos — ou antes juxtapostos, os mais usados contrastes: cochichos de beatas, conselhos paternos do honesto conde des Grieux, lembrança comovida e fraca oração do filho; declamação à maneira de Verdi, da heroína, e, por fim, o dueto de amor de que se pode dizer constitui um modelo no gênero.»

Edição incompleta — pois foi suprimido o 1º quadro do 3º ato («La promenade der «Cours la Reine»), o que aliás quase sempre acontece — foi também uma edição pouco distinta pela atuação sem relevo do protagonista, a última, a que assistimos, da mais famosa opera de Massenet.

Renée Mazella Balestas não viveu nem lírica nem dramaticamente a figura de Manon como devia ser vivida por um 1º soprano de grande temporada lírica. A sua voz de pouco volume, embora mais ou menos educada, não se adapta bem às exigências da partitura e a sua arte cênica está longe de exprimir com

sensibilidade comunicativa o temperamento da heroína. Daí haverem passado quasi despercebidas as arias famosas — «Je suis encor tout é tourdille» e «Adieu, notre petite table» e não ter atingido todo o realce dramático e vocal o grande duetto de Manon e des Grieux no parlatório de São Sulpício — «Oul, je fus cruelle et coupable». Só a formosa gavota — «Obéissons quand leur voix appelle» — qual, diga-se de passagem não figura na primitiva partitura e foi escrita posteriormente por Massenet para ser cantada por uma das maiores intérpretes de Manon — Mme. Marie Roze — encontrou em Renée Mazella uma execução digna dos aplausos calorosos e incessantes com que o auditório brindou a artista.

Charles Kullman foi o herói da noite. Embora a sua voz nos agudos careça de musicalidade, todavia agrada bastante nos graves e médios. Agrada também a sua arte cênica. Sem ser grande também não é mediocre. É um bom tenor, apreciável e apreciado artista da cena lírica. Provou-o mais uma vez em quase todos os números que lhe couberam cantar em MANON. Atingiu mesmo a grandes alturas na celebre «aria do sonho», dos mais formosos fragmentos da formosa opera

— «En fermant les yeux». O público entusiasmado ovacionou-o sem cessar e pediu e obteve bis, em que o artista repetiu as mesmas belezas de voz e de arte.

Silvio Vieira, como sempre, louvável e louvado Lescaut. Deu acentuada expressão lírico-dramática à lição de moral empolada e ironica que é a aria — «Regardez-moi bien dans les yeux!»

Bruno Magnavita, Guilherme Damiano e Americo Basso concorreram discreta, mas corretamente para a harmonia do conjunto.

A orquestra acompanhou com relativa eficiência o canto dos artistas. Não foi o que devia ser, mas foi melhor do que se esperava da regência sr. Guarnieri.

Belos e apropriados os cenários. Córos bons. Apreciáveis e apreciadas as dansas.

Em resumo, apesar dos reparos e restrições que mereça como récita de grande temporada lírica, a «Manon» foi em conjunto um espetáculo bastante agradável aos olhos e aos ouvidos dos frequentadores do municipal que o aplaudiram com intensidade proporcional ao valor dos intérpretes e à beleza das interpretações.

OSCAR D'ALVA.

10 jóias
preciosas



— para os seus encantos!

• Sim! As unhas bem cuidadas são verdadeiras jóias! Tornam os gestos aureolados de leveza e graça. Sobretudo, definem a personalidade. Porque são jóias pessoais, feitas para suas mãos! Dê-lhes o carinho que merecem. Realce-lhes a fidalguia do desenho e a beleza do colorido, envolvendo-as na magia do esmalte CUTEX! De fácil aplicação, o esmalte CUTEX enseja uma perfeita manicure e permanece fielmente ao serviço dos seus encantos femininos... Experimente-o hoje!

ESMALTE

CUTEX



J. W. T.

O Esmalte Mais Popular em Todo o Mundo!

Um tango dentro da vida...

De Julia dos Santos Ferreira

MINHA QUERIDA AMIGA —
— Ante a angústia que se reflete na inquietação dos meus olhos negros, e que se estendia, pouco a pouco, a todo a meu ser, sempre que ouvia os ritmos dolentes de um tango, você se impressionou e sua curiosidade, bem natural, de mulher, não se conteve. E, interpelou-me.

— Querida — disse você — porque esse seu verdadeiro horror aos tangos, quando eu tanto gosto deles? Quando todo mundo, de um

modo geral, se impressiona e comove com a sua cadência, com os seus ritmos, profundos e tocados de tristeza, de uma nostalgia esquisita, que nos domina e empolga a alma e o coração? Há, parece-me, em todo tango, alguma coisa da nossa própria vida... Da vida que mais guardamos e mais escondemos dentro de nós próprias... E seus olhinhos negros, querida, têm um langor de tango... A tristeza e a saudade evocativas de um tango perdido na

sua vida... Cantando nas sombras e na inquietação de sua vida..."

Fixei o meu olhar triste nos seus olhos amigos e nada lhe disse, então.

Há egoísmo, muito egoísmo, na própria dor. Depois... pensei, refleti e resolvi revelar o meu segredo só a você, que é tão boa e tão compreensiva. Nessa música fascinante e estranha, toda saudade e nostalgia de sonhos que nunca se realizaram na plenitude do anseio de felicidade que eu fiz viver, enquanto ela durou, para logo morrer, quando mal silenciara, está encerrada toda a história da minha vida... Os ritmos de um tango dentro da minha vida...

"Escute: você já reparou alguma vez como os tangos se assemelham às vidas obscuras das pessoas sofredoras? Vagabundos, lentos... Apressados e fortes, em certos momentos... Envolvendo, sempre, na sua melodia morna e desfalecida, um amor que se deu de todo e que precisa, depois, de repouso e de serenidade?"

Não. Você nunca terá tido essa sensação de repouso e, ao mesmo tempo, de inquietação, na sua vida, porque um tango nunca cantou e exaltou em você todo o anseio de um sonho de felicidade!...

Minha história, como as demais por aí andam, começa assim:

Um dia, numa viagem de turismo, conheci a grande e esplendorosa cidade, que é Buenos Aires... Corria-a, de ponta a ponta, e mergulhava-me em seus costumes e nas suas alegrias de metrópole moderna...

Uma noite fui, pela primeira vez a um casino... Sentia-me linda no meu vestido de lantejoulas cor de prata... Naquele ambiente de luxo e de beleza vi homens elegantes, e ouvi risos em lábios rubros, enquanto o "champagne" espumava em taças de cristal... Sentí perfumes embriantes... Escutei o doce farfalhar de sedas amarradas... Contemplei, no ar, as espiraladas nuvensinhas azulinhas de cigarros finos... Depois uma voz timbrada e sutil, fez-se ouvir. Voltei-me... A alguns passos de mim, uma figura elegante e máscula interpretava, aos languidos acordes de um "bandoneon", o inesquecível tango "Tristeza".

Arrebatada, olhei-o e continuei a olhá-lo, como que fascinada.

Os aplausos ressoaram no grande e luxuoso salão. Chegara ao fim a sensualíssima melodia.

Ele fitou-me também... Estático... Sorridente... E o meu coraçãozinho sonhador, como que tocado por mágica varinha de condão, pulsava violentamente...

No meu ser havia algo de novo, de diferente, de feliz...

Voltei para o hotel pensando nele...

Nos seus olhos ternos... No seu sorriso encantador.

Em outra noite, voltei ao casino... E, depois, mais uma outra, e mais outra, e outras se sucederam, até que as nossas vidas se juntaram...

Mas, um dia, meus pais perdiam toda a sua fortuna. Fiquei pobre, mas não enristeci. Eu me julgava rica porque tinha o amor daquele homem, e isso me bastava. Que me importava o mais?

Começa aí o segundo capítulo da minha história... Mas... para que lhe fazer essa revelação? As histórias tristes, como esta, nunca deveriam ser contadas...

O meu amor foi bem maior que todas as ambições materiais... Sacrifiquei-me, tudo aceitando, sem um lamento, julgando ser sempre digna do seu amor. Cerrei os olhos aos mais tolos preconceitos sociais para alcançar, simplesmente, um pouquinho de felicidade...

Mas esse amor morreu como nasceu: como um tango que termina. E veio o abandono... O desespero... A solidão...

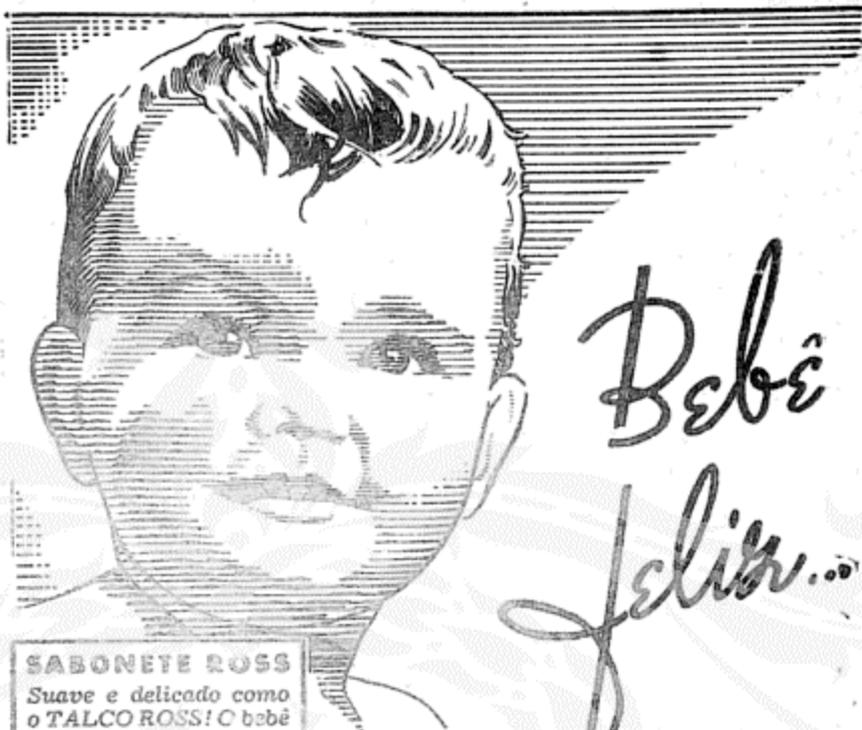
E só, desprezada, comeci a volver os olhos para o passado... E, na tela comovida das minhas recordações, reví os dias venturosos que juntos passámos... Noites em que contávamos, uma a uma, as límpidas estrelas do céu... Noites de beijos em que edificávamos castelos de ouro e diamantes na riqueza do nosso sonho. Tudo porém, um dia terminou. Mas o meu sonho continuou, dentro da minha vida, a cantar os ritmos eternos do tango que o inspirou e fez durante algum tempo, a realidade, despreocupada e contente de ser, de uma felicidade passageira, que ainda hoje palpita, desfalecida, na minha angústia interior...

Recordar... Sempre recordar! Quantas vezes, a noite fria vinha de mansinho, surpreender-nos na volúpia de beijos de nossas bocas unidas, nos nossos olhos em êxtase, no calor dos meus dedos esguilos acariciando os seus cabelos finos e perfumados?

Vivemos assim, quanto tempo? Não sei. Unicamente senti que o amei desde o primeiro minuto em que o vi... E que continuei sempre a sentir a exaltação amorosa da vida, até o dia em que ele esqueceu "Tristeza" — o tango e "Tristeza", a mulher que tanto o amou!

Tudo se acabou... Tudo!... Mas por que seus olhos fugiram dos meus? Por que seus lábios se apartaram dos meus?

A atroz agonia das minhas noites insones e intermináveis!...



SABONETE ROSS

Suave e delicado como o TALCO ROSS! O bebê precisa de ambos - seus amigos inseparáveis.



O conforto do seu bebê é a sua felicidade! Dê ao seu filhinho o conforto do TALCO ROSS! Livre-o das brotoejas, assaduras e outras irritações da pele com TALCO ROSS, e faça-o feliz!

Talco ROSS

BORATADO * ANTISSEPTICO * CONFORTANTE

Agora, quem sou eu? Ruína... Uma ruína de mulher, de coração, e de alma. Terej ainda um dia feliz? Não o sei... A vida é uma eterna interrogação e um eterno anseio!...

E, aqui, tem você, minha amiga, a comovente história do meu amor: — um tango dolente que viveu e que, ainda hoje, vive dentro da minha vida...

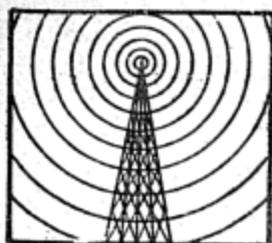
OS PENTEADOS E O CINEMA

E' fora de dúvida que o mundo feminino se orienta, em matéria de moda, através do que vê e observa nas telas. Um filme de seqüências elegantes com Rosalind Russel, Norma Shearer ou Marlene em seus mais "chics" modelos, empolga as mulheres que também sabem vestir bem.

Assim como se dá no guarda-roupa da mesma sorte se passa com os penteados.

Agora mesmo Marlene Dietrich causa revolução nas cabeleiras femininas, introduzindo o penteado estilo persa. Segundo Sidney Guilaroff, a moda dos penteados vai sofrer novas transições nas suas linhas gerais. Esse prognóstico é tão sério que as casas de chapéus para senhoras de Nova York, já estão expondo nas vitrines modelos especialmente feitos para penteados lisos, sistema Marlene, em substituição ao clássico "Pompador".

Marlene lança a moda do novo penteado no filme da "Metro", intitulado "Kismet", ao lado de Ronald Colman. E' opinião geral que Marlene Dietrich no seu papel de Zuleika e com o tal penteado liso, botou abaixo o recente modelo conhecido por "penteado da Vitória", lançado pela perturbadora Lana Turner. Que força tem o cinema!



PR1

DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR



Bases do Concurso de "Fon-Fon"

- 1 — O concurso «Melhores de 45» obedece ao critério popular: podem votar os nossos leitores de todo o Brasil.
- 2 — O objetivo do certame é a seleção dos valores e iniciativas do Rádio: será inútil qualquer tentativa de cabala.
- 3 — Cada rádio-ouvinte votará uma vez, respondendo às 45 perguntas e especificando nome, residência, cidade e Estado.
- 4 — Não serão aceitos votos datilografados. Votos com a mesma letra serão inutilizados. Em cada envelope deverá ser enviado somente um «coupon».
- 5 — Só os nomes que obtiverem 1.000 votos serão conservados. A medida que o certame for chegando ao fim, irão sendo excluídos os concorrentes que não tiverem 15.000 votos. Para evitar cabala, as somas serão reveladas somente na fase final. A ordem dos nomes e títulos de programas indicará a colocação dos mesmos, de acordo com as somas decrescentes de votos.
- 6 — Qualquer artista, uma vez candidatado pelo público, neste plebiscito de FON-FON, não poderá desistir de concorrer.
- 7 — Os votos, devidamente preenchidos, deverão ser endereçados para «PR1» — Redação de FON-FON — Concurso «Melhores de 45» — Rua da Assembléia, 82 — Rio.
- 8 — A votação teve início no sábado 16 de setembro e será encerrada em 16 de dezembro. Este certame terá, portanto, a duração de três meses. Os resultados finais serão publicados na Edição de Natal.
- 9 — Os «Melhores», consagrados pelo público, formarão o «Livro de Ouro do Rádio»: volume luxuoso, com as fotografias dos azees e as respectivas biografias para os fans de todo o Brasil.
- 10 — No mês de janeiro, em dia e horas que serão previamente marcados, a melhor estação apresentará o «big-broadcast» — «Melhores do Rádio em 1945» — com a participação dos melhores artistas e melhores programas, numa sensacional transmissão para todo o Brasil.

«Melhores de 45» e a Imprensa Radiofônica

«GEZETA DE NOTÍCIAS», O POPULAR MATUTINO DA CIDADE, PUBLICOU NA SUA EDIÇÃO DE 19 DO CORRENTE A SEGUINTE CRÔNICA DE JURACY ARAUJO:

«Acaba de ser lançado pela magnífica secção radiofônica de FON-FON, sob a orientação de Alziro Zarur, um belo concurso para todos os rádio-ouvintes brasileiros.

«Esse certame visa apurar a popularidade radiofônica sob todos os aspectos, e traz benefícios apreciáveis aos meios de Rádio do País, evidenciando os melhores cantores, «speakers», compositores, escritores, humoristas, programas, emissoras — tudo, enfim, que se refere ao nosso «broadcasting».

«É considerável, devéras, a amplitude do interessante concurso da revista FON-FON!

«Os meios radiofônicos do Rio

UMA ESTRELINHA...



RENINHA ARAUJO, futura cantora do popular «Programa Ser-tanejo» de José Viana, ao microfone da Rádio Vera Cruz.

Já estão agitados ante a novidade que empolga, no momento, os fans dos mais longínquos rincões da nossa pátria.

«Tudo indica que o original plebiscito atingirá proporções gigantescas, incrementando em todos os meios familiares o interesse pela sensação do século, que é o Rádio.

«Alziro Zarur, brilhante jornalista «double» de radio-man, distinguiu-nos como primeiro votante, no formidável concurso. Destas colunas, agradecemos o gesto que nos sensibilizou sobremaneira.

«Fazemos votos para que o concurso tão oportuno de FON-FON se mantenha em sucesso vibrante, restando-nos, apenas, mandar parabéns á revista e ao seu redator.»

O voto de Gomes Filho, do "Diário da Manhã"

FON-FON apresenta, hoje, aos seus leitores o voto aberto de mais um crítico radiofônico: o veterano jornalista e "broadcaster" Gomes Filho, do "Diário da Manhã", de Niterói. O autor da famosa "Festa Iluminada", com longa experiência do assunto, votou da seguinte forma:

- 1) Qual a melhor estação?
— PRE-S. Rádio Nacional.
- 2) Qual o melhor autor de rádio-teatro?
— Amaral Gurgel.
- 3) Qual o melhor escritor de programas?
— Almirante.
- 4) — Qual o melhor elenco rádio-teatral?
— O da PRE-S.
- 5) — Qual o melhor ator?
— Celso Guimarães.
- 6) — Qual o melhor ator-policia?
— Alziro Zarur (Sherlock).
- 7) — Qual a melhor atriz?
— Ismenia dos Santos.
- 8) Qual o melhor locutor?
— Cesar Ladeira.
- 9) Qual a melhor locutora?
— Elza Marzulo.
- 10) Qual o melhor locutor-esportivo?
— Gagliano Neto.
- 11) Qual o melhor compositor?
— Ary Barroso.
- 12) Qual a melhor parceria de compositores?
— Alberto Ribeiro-João de Barro.
- 13) Qual o melhor cantor?
— Sylvio Caldas.
- 14) Qual a melhor cantora?
— Sonia Barreto.
- 15) Qual o melhor conjunto vocal?
— Quatro Azes e um Coringa.
- 16) Qual o melhor trio?
— Trio de Ouro.
- 17) Qual a melhor dupla?
— Joel e Gaúcho.
- 18) Qual o melhor músico?
— Radamés Gnattali.
- 19) Qual o melhor regional?
— O de Benedicto Lacerda.

20) Qual a melhor orquestra?
— Sinfônica Brasileira (Szenkar), da PRA-3.

21) Qual o melhor comico?
— Grande Othello.

22) Qual a melhor dupla cômica?
— Jararaca-Ratinho.

23) Qual o melhor programa literário?
— "Biblioteca do Ar", de Genilino Amado.

24) Programa de educação musical?
— "Programa Carlos Gomes", da Cruzeiro do Sul.



Gomes Filho

25) Programa instrutivo?
— "Universidade do Ar", da Nacional.

26) Programa patriótico?
— "O Pensamento do Presidente Vargas", de Alziro Zarur.

27) Programa de educação moral?
— "O Mundo não vale o seu Lar", de Sagramor de Scuvero.

28) Programa de educação física?

— "Rádio-Ginástica", de Oswaldo Diniz Magalhães.

29) Programa rádio-jornalístico?
— "Era isto o que eu queria dizer...", de Alvaro Moreyra.

30) Programa musical?
— "Instantaneos Sinfônicos Schenley", da Tupi.

31) Programa de músicas brasileiras?
— O de arranjos de Pixinguinha, na PRA-9.

32) Programa de variedades?
— "Programa Casé".

33) Programa de gravações?
— "Ondas Musicais".

34) Programa de calouros?
— Os que existem não valem 1 voto...

35) Programa de esportes?
— "Resenha Esportiva da Tupi", aos domingos.

36) Programa de teatro?
— "Jornal dos Teatros", de Anselmo Domingos e Olavo de Barros.

37) Programa de cinema?
— "Cine-Rádio Jornal", de Cestino Silveira.

38) Programa feminino?
— Os que falam de "pomadas" não me interessam...

39) Programa juvenil?
— "Tesouro da Juventude", de Carlos Pallut.

40) Programa infantil?
— "Programa do Garoto", de Sylvia Regina.

41) Programa humorístico?
— "Pensão do Salomão", de Jorge Murad.

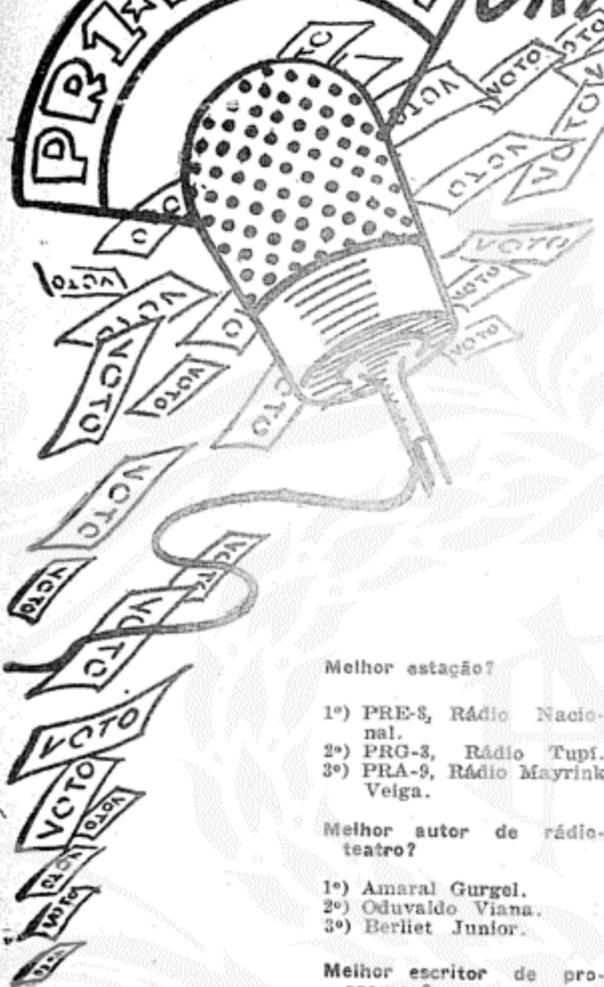
42) Programa de peças completas?
— "Teatro pelos Ares", da PRA-9.

43) Programa de novelas seriadas?
— O da Rádio Nacional.

44) Programa de notícias da guerra?
— "Boletim da Guerra", de Carlos Frias.

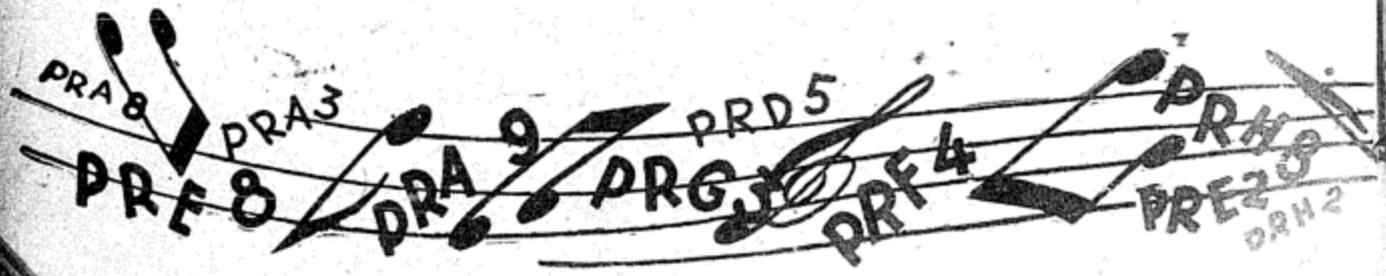
45) Qual o patrocinador que oferece os melhores programas ao público?
— Camisaria Progresso.

PRIFON FON GRANDE CONCURSO



Os resultados

- | | | |
|--|---|---|
| <p>Melhor estação?</p> <p>1º) PRE-8, Rádio Nacional.
2º) PRG-3, Rádio Tupi.
3º) PRA-9, Rádio Mayrink Veiga.</p> <p>Melhor autor de rádio-teatro?</p> <p>1º) Amaral Gurgel.
2º) Oduvaldo Viana.
3º) Berliet Junior.</p> <p>Melhor escritor de programas?</p> <p>1º) Almirante
2º) Paulo Roberto.
3º) José Mauro.</p> <p>Melhor elenco rádio-teatral?</p> <p>1º) O da Nacional.
2º) O da Mayrink Veiga.
3º) O da Tupi.</p> <p>Melhor ator?</p> <p>1º) Paulo Gracindo.
2º) Celso Guimarães.
3º) Rodolfo Máler.</p> <p>Melhor ator-policial?</p> <p>1º) Alziro Zarur.
2º) Manoel Braga.
3º) Saint-Clair Lopes.</p> | <p>Melhor atriz?</p> <p>1º) Ismenia dos Santos.
2º) Cordella Ferreira.
3º) Zezé Fonseca.</p> <p>Melhor locutor?</p> <p>1º) Carlos Frias.
2º) Cesar Ladeira.
3º) Celso Guimarães.</p> <p>Melhor locutora?</p> <p>1º) Yara Salles.
2º) Sagramor de Seuvero.
3º) Elza Marzulo.</p> <p>Melhor locutor-esportivo?</p> <p>1º) Ary Barroso.
2º) Gagliano Neto.
3º) Oduvaldo Cozzi.</p> <p>Melhor compositor?</p> <p>1º) Ary Barroso.
2º) Lamartine Babo.
3º) Ataúlfo Alves.</p> <p>Melhor parceria de compositores?</p> <p>1º) Alberto Ribeiro-João de Barro.
2º) Nássara-Frazão.
3º) David Násser-Alcyr Pires Vermelho.</p> <p>Melhor cantor?</p> <p>1º) Francisco Alves.
2º) Sylvio Caldas.
3º) Carlos Galhardo.</p> <p>Melhor cantora?</p> <p>1º) Linda Baptista.
2º) Carmen Miranda.
3º) Dyrceinha Baptista.</p> <p>Melhor conjunto vocal?</p> <p>1º) Anjos do Inferno.
2º) Quatro Azes e um Coringa.
3º) Namorados da Lua.</p> | <p>Melhor trio?</p> <p>1º) Trio de Ouro.
2º) Três Marias.
3º) Trigêmeos Vocalistas.</p> <p>Melhor dupla?</p> <p>1º) Joel e Gaúcho.
2º) Índios Tabajaras.
3º) Linda Baptista-Grad de Othelo.</p> <p>Melhor músico?</p> <p>1º) Muraro.
2º) Radamés Gnatalli
3º) Dilermando Reis.</p> <p>Melhor regional?</p> <p>1º) O de Benedito Lacerda.
2º) O de Dante Santoro.
3º) O de Pixinguinha.</p> <p>Melhor orquestra?</p> <p>1º) Sinfônica, da Nacional.
2º) Sinfônica Brasileira, da PRA-3.
3º) Marajoára, da PRG-3.</p> <p>Melhor cômico?</p> <p>1º) Barbosa Junior.
2º) Lauro Borges.
3º) Silvino Neto.</p> <p>Melhor dupla cômica?</p> <p>1º) Alvarenga-Ranchinho.
2º) Jararaca-Ratinho.
3º) Pitanga-Bentinho.</p> <p>Melhor programa literário?</p> <p>— «Biblioteca do Ar», de Genolino Amado.</p> <p>Melhor programa de educação musical?</p> |
|--|---|---|



PSO RADIOFONICO "OS MELHORES de 45"

os da primeira apuração

- «Artistas Novos do Brasil», de Magdala da Gama Oliveira.
- Melhor programa instrutivo?
- «Universidade do Ar», da Rádio Nacional.
- Melhor programa patriótico?
- «O Pensamento do Presidente Vargas», de Alzira Zarur.
- Melhor programa de educação moral?
- «O Mundo não vale o seu Lar», de Sagramor de Souvero.
- Melhor programa de educação física?
- «Rádio-Ginástica», de Oswaldo Diniz Magalhães.
- Melhor programa rádio-jornalístico?
- «Posta Restante», de Gramury.
- Melhor programa musical?
- «Um Milhão de Melodias», de José Mauro.
- Melhor programa de músicas brasileiras?
- «Serestas de Sylvio Caldas» de Paulo Roberto.
- Melhor programa de variedades?
- «Programa Luiz Vasalos».
- Melhor programa de gravações?
- «Ondas Musicais».
- Melhor programa de calouros?
- «Calouros em Desfiles», de Ary Barroso.
- Melhor programa de esportes?
- «Rádio-Esportes Tupis».
- Melhor programa de teatro?
- «Jornal dos Teatros», de Anselmo Domingos e Olavo de Barros.
- Melhor programa de cinema?
- «Cine-Rádio Jornal», de Celestino Silveira.
- Melhor programa feminino?
- «A Voz da Beleza», de Léa Silva.
- Melhor programa Juvenil?
- «Tesouro da Juventude», de Carlos Pallut.
- Melhor programa infantil?
- «Programa do Garoto», de Sylvia Regina.
- Melhor programa humorístico?
- «Piadas do Manduca», com Lauro Borges.
- Melhor programa de peças completas?
- «Teatro pelos Ares», da PRA-9.
- Melhor programa de novelas seriadas?
- O da Rádio Nacional.
- Melhor programa de notícias da guerra?
- «Boletim da Guerra», com Carlos Frias.
- Melhor patrocinador?
- 1º) Eucalol.
- 2º) Oleo de Peroba.
- 3º) Melhoral.



"PLANO D-2 DE PUBLICIDADE"

ORGANIZADO PELO DR. BENJAMIM E. DO LAGO, DIRETOR-COMERCIAL DA RÁDIO CRUZEIRO DO SUL

O princípio da cooperação já se universaliza por todos os setores, tornando-se praticamente a nova norma de ação dos nossos tempos.

A concepção cooperativista, do esforço em comum, não é mais uma fantasia ou teoria que esteja aguardando uma oportunidade para apresentar ao público suas virtudes, sua força criadora e resultados práticos. Ao contrário, a prática diária e as estatísticas provam, de sobejo, as vantagens cooperativistas do trabalho em comum e harmônico.

Ambas as partes — o todo e o indivíduo — lucram. Lucram no sentido imediato e em possibilidades futuras.

Dentro desse princípio, estudamos o Plano D-2 de Publicidade, que visa, como fruto de uma cooperação, oferecer aos anunciantes maiores vantagens e possibilidades.

É necessário, entretanto, acentuar que temos aqui no Plano D-2, por objetivo, incluir apenas o comércio varejista, que, via de regra, tem menos elementos de publicidade.

O plano é simples e facilmente compreensível. Consiste no seguinte:

- 1) Formação de um grupo de firmas, em número de 60, que, como nas cooperativas, serão, nesse plano, verdadeiras cooperadas;
- 2) cada firma inscrita ou cooperada pagará, mensalmente, Cr\$ 250,00. Em troca, será oferecido a cada firma um anúncio

diário, em forma de texto, do valor, por tabela, de Cr\$ 15,00 cada um, no horário de 11 às 14 horas.

Somente essa vantagem, que o número nos possibilita oferecer, bastaria, por assim dizer, para tornar esse plano de largo alcan-



Dr. Benjamim E. do Lago, diretor-comercial da PRD-2.

ce econômico para as firmas inscritas.

Cada firma, em outras palavras, deveria pagar, cobrando-se pela tabela, Cr\$ 450,00 por mês, ou sejam Cr\$ 200,00 a mais da mensalidade estabelecida no Plano D-2. Essa redução, como já foi dito,

decorre do fato de considerarmos o todo como se fôra um só anunciante, e não cada firma separadamente, ou sejam 60 pequenos anunciantes. Além disso, isto é, dessa publicidade diária e as vantagens já assinaladas, faremos ainda um grande programa de estúdio, de meia hora, uma vez por semana, no horário de 18 às 19 ou 21.30 às 22.30 horas.

Esse programa, um cartaz novo que iremos organizar especialmente para esse fim, entrará no Plano D-2, entrosando-se ao sistema geral aqui traçado, através do mesmo princípio de cooperação.

Dêsse modo, far-se-á mensalmente, em local aberto ao público, o sorteio de uma das 60 firmas inscritas, que, sem nenhum onus a mais, ficará então como patrocinadora exclusiva do referido programa por mês.

Todos os meses será repetido o mesmo sorteio, para escolha da firma patrocinadora em cada mês.

Não resta dúvida de que somente nas bases aqui estabelecidas — bases de cooperação — nos é possível estabelecer essas condições e vantagens.

É o resultado de um princípio que, cada dia, se firma, dando, na prática, os resultados mais vementes.

E, dêsse modo, nos é possível realizar o Plano D-2, que, certamente, há-de trazer largos benefícios ao desenvolvimento do comércio varejista, da publicidade e do próprio público em geral.

"Bronze Carlos Gardel"

O popular programa "Um tango e uma história para você...", da PRE-3, acaba de ser agraciado com o "Bronze Carlos Gardel", por ser um dos mais bem organizados e bem apresentados programas de música portenha no "broadcasting" brasileiro.

"Um tango e uma história para você..." foi criado pelo "speaker" Aerton Perlingeiro, que vai festejar no próximo dia 4 de outubro o segundo aniversário do seu vitorioso cartaz de tangos argentinos.

Abrilantarão essa festa de aniversário muitos "azes" do rádio carioca, os quais serão apresentados num brilhante desfile comandado pelos "speakers" Gagliano Neto, Raul Brunini, Carlos Weber, Abelardo Barbosa, Hugo Vergueiro, Jonas Garret, Laercio Alves e outros.



AERTON PERLINGEIRO, criador do programa "Um tango e uma história para você...", ao receber o "Bronze Carlos Gardel" das mãos do delegado dos compositores argentinos, em presença do cronista Armando Miguéis, nos estúdios da PRE-3, a nova Rádio Globo.

Concurso "Melhores de 45"

- | | |
|---|--|
| <p>1) Qual a melhor estação?
.....</p> <p>2) Qual o melhor autor de rádio-teatro?
.....</p> <p>3) Qual o melhor escritor de programas?
.....</p> <p>4) Qual o melhor elenco rádio-teatral?
.....</p> <p>5) Qual o melhor ator?
.....</p> <p>6) Qual o melhor ator-policia?
.....</p> <p>7) Qual a melhor atriz?
.....</p> <p>8) Qual o melhor locutor?
.....</p> <p>9) Qual a melhor locutora?
.....</p> <p>10) Qual o melhor locutor-esportivo?
.....</p> <p>11) Qual o melhor compositor?
.....</p> <p>12) Qual a melhor parceria de compositores?
.....</p> <p>13) Qual o melhor cantor?
.....</p> <p>14) Qual a melhor cantora?
.....</p> <p>15) Qual o melhor conjunto vocal?
.....</p> <p>16) Qual o melhor trio?
.....</p> <p>17) Qual a melhor dupla?
.....</p> <p>18) Qual o melhor músico?
.....</p> <p>19) Qual o melhor regional?
.....</p> <p>20) Qual a melhor orquestra?
.....</p> <p>21) Qual o melhor cômico?
.....</p> <p>22) Qual a melhor dupla cômica?
.....</p> <p>23) Qual o melhor programa literário?
.....</p> <p>24) Programa de educação musical?
.....</p> | <p>25) Programa instrutivo?
.....</p> <p>26) Programa patriótico?
.....</p> <p>27) Programa de educação moral?
.....</p> <p>28) Programa de educação física?
.....</p> <p>29) Programa rádio-jornalístico?
.....</p> <p>30) Programa musical?
.....</p> <p>31) Programa de músicas brasileiras?
.....</p> <p>32) Programa de variedades?
.....</p> <p>33) Programa de gravações?
.....</p> <p>34) Programa de calouros?
.....</p> <p>35) Programa de esportes?
.....</p> <p>36) Programa de teatro?
.....</p> <p>37) Programa de cinema?
.....</p> <p>38) Programa feminino?
.....</p> <p>39) Programa juvenil?
.....</p> <p>40) Programa infantil?
.....</p> <p>41) Programa humorístico?
.....</p> <p>42) Programa de peças completas?
.....</p> <p>43) Programa de novelas seriadas?
.....</p> <p>44) Programa de notícias da guerra?
.....</p> <p>45) Qual o patrocinador (firma, produto, casa) que oferece os melhores programas ao público?
.....</p> |
|---|--|

Nome do votante.....

Enderço..... Cidade.....

Estado..... Data.....

Miragem

Ilza Montenegro



FELIZES os loucos, que, perdendo a razão, desprezam o mundo maldoso dos homens, para, embora caminhando ao lado deles, viver um mundo á parte, que o seu espírito doentio criou!

Tal como os loucos, a ilusão tornou-me visionária. Já não sigo as leis impiedosas e hipócritas dos vivos. Tenho o espírito voltado para o mundo fictício que a minha imaginação construiu... Volvo os olhos para dentro de mim mesma.

O meu mundo fantástico assemelha-se a um imenso areal sem horizontes, onde eu, qual beduíne solitário, iniciei uma longa caminhada para alcançar a miragem diáfana, luminosa e fugidia de meu sonho; você!

Sem temer a distancia, irei sempre avante! Não me detirá a aspereza dos caminhos, nem me subjugará o cansaço. Caminharei sempre, sem olhar para trás e, assim, não verei as pégadas sangrentas, em cada uma das quais há de ficar um pedaço de mim mesma. Não olharei a extensão já palmilhada, para não sentir o peso dos anos gastos nessa peregrinação e nem verei as marcas deixadas pelo tempo, em minhas faces maceradas. Vencerei o desanimo e a fadiga, porque, maior que tudo isso, é a grandeza do meu sonho!

Ao longe estará a miragem luminosa, acenando-me irresistivelmente, e, sem desviar dela os meus olhos febris, hei de seguir... Seguir sempre.

E, sem sentir a vida, não chorei a morte da minha mocidade; não lastimarei a tristeza da velhice, não maldirei o destino nem sofrerei o amargor da desesperança.

Mas se, enfim, tombar vencida, hei de sorrir porque, se não conseguí alcançar a sombra diáfana e brilhante, embora a tenha buscado incessantemente pela vida em fora, vendo-a sempre tão junto de mim é porque, afinal, ela vive dentro dos meus próprios olhos.

É será sublime cerrar a cortina violácea das pálpebras exangues e dormir o sono sem fim da eternidade, levando nos olhos você, a miragem diáfana, fugidia e luminosa do meu sonho...

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

- LEVO UM BEM BARATINHO!



Não! Isso é o mesmo que se abanar com o pescoço, para poupar leite. Saiba economizar, mantendo suas gengivas rosadas e saudias com Lever S.R.!

- LEVO UM BEM GOSTOSO!

Não! Rocambole é uma coisa, dentífrico outra, bem diferente! Peça gosto, mas exija que venha acompanhando do poder de proteger os dentes. Lever S.R. é assim!



- LEVO QUALQUER UM!



Não! Quando você precisa de médico, não procura qualquer um. Consulte um especialista. Faça o mesmo com seu dentífrico: para ter um sorriso lindo e sadio, peça Lever S.R.!

**- EU USO
Lever S.R.**

Muito bem! Ótima escolha!

Que dentífrico completo é Lever S.R. — gostoso, econômico e refrescante! Sobretudo, proporciona a proteção de Sódio-Ricínoleato, o famoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo seus dentes fortes e bonitos. Eis porque Lever S.R. mantém dentes *brancos*... mantém os dentes!

**MANTÉM DENTES BRANCOS...
MANTÉM O DENTES!**



LINTAS SR 113-0285

n

gro

endo
unde
bora
river
n es

tor-
o as
s vi-
idade
mín
Vol-
mim

asse-
sem
ulnc
ami-
agem
a de

sem-
a as-
sub-
parei
as
gren-
há de
ema.
almi-
o dos
ão e
pelo
cera-
a fa-
isso.

a lu-
civel-
meus
Se

hora
lade-
velhi
n so-
eran

cida.
con-
lfans
bus
vida
juntu
a vi-
prio:

ortins
gues
eter-
cô, a
lumi-

44



Que tal?...



CARMEN, depois de ser fotografada, em todos os ângulos e por todas as máquinas fotográficas de Hollywood, teve de «posar» para uma série de escultores.

Seu rosto gaiato e seu sorriso brejeiro andam, em massa e em gesso, enfeitando muita vitrina em Nova York. Qualquer casa comercial, que se encha em suas vitrinas um busto da «Miss Miranda», conta logo com uma pequena multidão de fãs em sua porta.

É preciso dizer mais sobre o sucesso ímpar da «pequena notável» em pleno apogeu da sua carreira artística?





¿Está parecida conmigo?..

O CONTO SENTIMENTAL

O Gato

UMA noite. No aristocrático clube falava-se de viagens, de longas excursões por itinerários desconhecidos. Alguém perguntou, então, a Marcos Villarán:

— E você, Villarán, que diz?

— A mesma coisa de sempre. Tenho uma viagem planejada. Mas desta vez não será a Europa, mas sim minha própria terra, para melhor despedir-me dela muito agradecido.

— Pensa viajar só?

— Sim, só. Mas devo, antes, esperar o casamento de meu filho.

— Não se decide o rapaz?

— Parece que não. É um pouco sentimental, como sua finada mãe... Segundo ele, não podemos separar-nos. É uma pena! Preciso tanto fazer essa viagem! Enfim... veremos... Senhores, boa noite!

Cumprimentos. Apertos de mãos. E um momento depois, Marcos Villarán já estava na rua. A caminho de sua casa voltou a pensar naquela viagem. Havia tempo que a trazia traçada em sua imaginação até em seus menores detalhes. Seriam umas férias um pouco longas, de um ano, aproximadamente. Um bom prêmio que oferecia a si mesmo, depois de muitos anos de trabalho e de luta. Mas... o rapaz não decidia seu destino. «Brincava de noivo» havia anos com a filha de um velho amigo sem que as cousas progredissem além disso. Ricardo, seu filho, permanecia a maior parte do tempo encerrado em sua biblioteca lendo, estudando cousas raras, absurdas, que Marcos não compreendia. Marcos só compreendia que sua viagem se adiaava indefinidamente. Agora, porém, estava disposto a falar seriamente a Ricardo, com energia.

...

NO entanto, ao contrário do que se propusera, Marcos Villarán não falou a seu filho no dia seguinte. Nem no outro. Assim se passaram vários dias. Foi como se ele se houvesse esquecido de sua viagem. Continuou atendendo a seus negócios com a regularidade habitual, enquanto que Ricardo, como sempre, passava as horas em sua biblioteca, em um esquecimento total do que o rodeava. E uma noite, após o jantar, Marcos iniciou uma conversação. Parecia preocupado.

— É curioso! — começou dizendo. — Hoje não tenho vontade de ir ao clube... Ficarei em casa... Conversaremos... Tens alguma coisa a fazer?

— Não, papai! Pensava terminar uma leitura sobre a criação de coelhos no século XVIII, mas isto não tem importância. Posso deixá-la para amanhã. Ah! É muito interessante. Explicar-te-ei...

— Observo-te que não tenho curiosidade. Os coelhos, tanto os do século XVIII como os deste século, sempre me interessaram muito pouco. Que idade tens, Ricardo?

— Papai! Que pergunta! Trinta anos...

— Pois aparentas cinquenta... Bem, tens, além disso, uma noiva que é uma boa moça...

— Sim... Não é má...

— Possues um título... És advogado... Não exerces, agora, a profissão, porque minha fortuna te permite viver folgadamente.

— Exato.

— Não compreendo, portanto, tendo tu juventude, fortuna e uma noiva



Rival

de JULIO FRANZOSO

— Como Sílvia, que te quer de verdade, não compreendo, papai, tua preocupação pelos coelhos do século XVIII...

— São estudos... Umás cousas não prejudicam as outras...

— Talvez. Mas é meu dever prevenir-te de alguma cousa... De alguma cousa que, para ti, afinal, não pode ser muito dolorosa...

— Dirás...

— Posso assegurar-te que Sílvia, tua noiva, começou a querer-te um pouco menos...

— Papai! Que queres dizer-me?

— Ora... o que ouvés... E não deves surpreender-te. E's o único culpado disso...

— Eu?

— Sim, tu... Abandonaste-a... sentimentalmente. Conformaste-te com a certeza desse amor obtido sem esforço, sem luta, muito comodamente, e o resultado é este.

— Qual?

— Outro homem...

Ricardo Villarán empalideceu. O semblante de seu pai não deixava lugar a dúvidas. Ele afirmava austera e severamente.

— Viste-o?

— Vi-o. Por isso quis advertir-to... E aconselhar-te: é melhor que esqueças Sílvia..., que acabes com esse noivado... Não é para ti...

— Não é para mim? Por que?

— Porque tu és um rapaz... um pouco tipo..., tua pessoa... esses traços... essa gravata... essa barba... Tudo em ti não tem fantasia..., não pode seduzir uma rapariga como Sílvia... Uma rapariga tão de agora...

Houve um silêncio longo. Depois, foi Ricardo quem falou.

— Então... um rival? Está bem... Lutaremos de novo... Começaremos do princípio...

— Como queiras... «fesse» homem parece um homem de sociedade... Vi Sílvia com ele numa confeitaria... Muito elegante... Um pouco mais alto do que ela... Ignoro-lhe o nome. Compreenderás: eu não quis certificar-me. Além do mais, parece que se veem com frequência nesse mesmo lugar...

— Basta, papai! Deixa-me só... Preciso pensar...

Pai e filho ficaram longo tempo abismados em profundas reflexões. De repente, Ricardo levantou-se. Brilhava-lhe nos olhos uma resolução.

— Tens o que fazer amanhã de catorze às dezesseis?

— Não, nada.

— Então podes acompanhar-me?

— Sim... Mas aonde?

— Ao alfaiate. Quero meia dúzia de ternos.

— Acompanhar-te-ei. Conta comigo. E agora, que pensas fazer?

— Agora..., agora começarei por barbear-me!

E havia algo heróico naquela importante decisão...

...

DECORREU pouco tempo, e, uma tarde, um «novo» Ricardo Villarán apresentou no escritório de Marcos. Era outro homem, mais jovem, mais elegante. Até sua maneira de andar era diferente.

— Papai! Preciso de ti...

— Dirás...

— Quero saber onde posso enfrentar esse homem.

— Que homem?





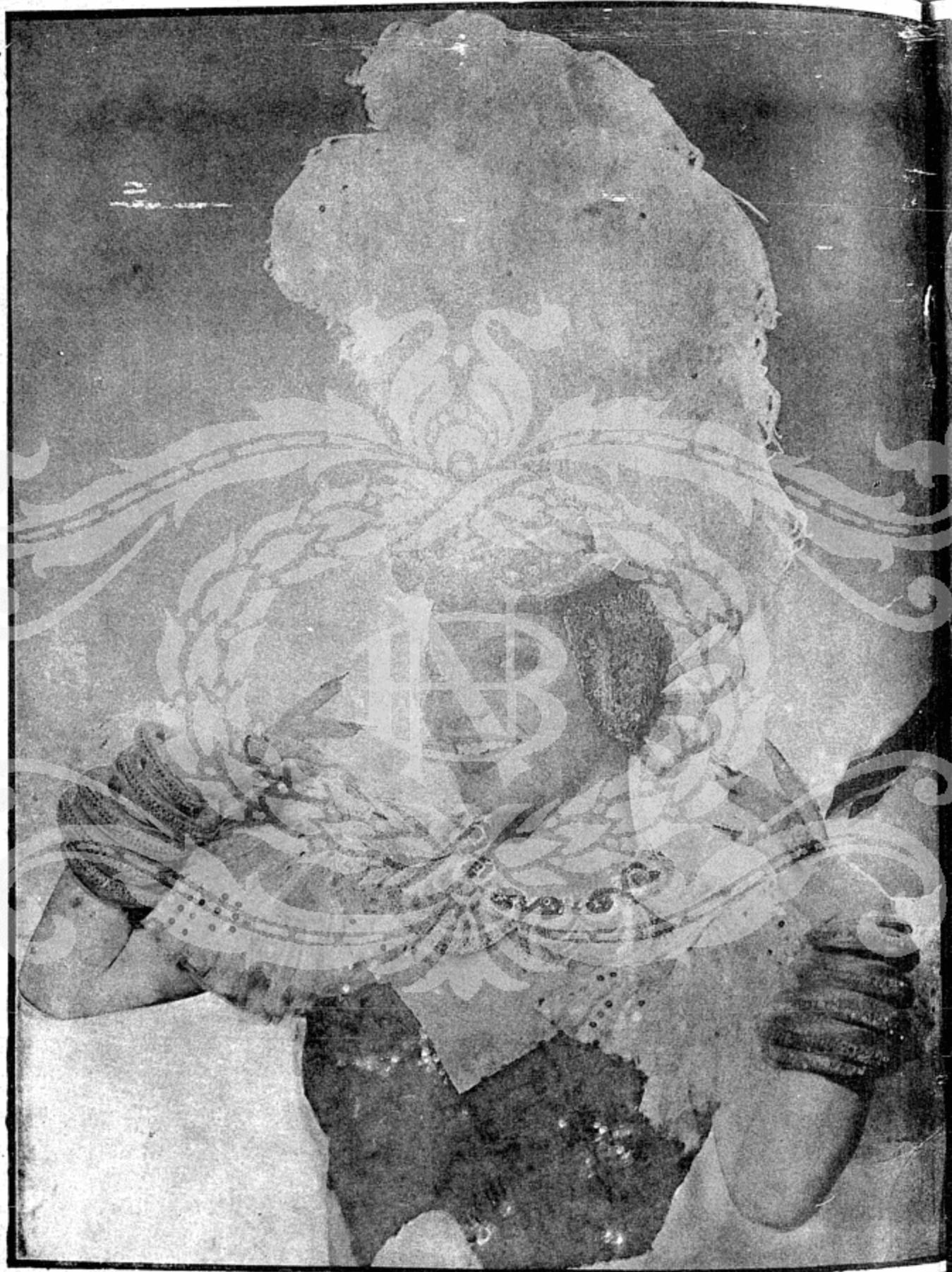
Ésta é uma das alucinantes belezas que Carmen Miranda exhibirá, brevemente, na tela. Não é mesmo maravilhosa?



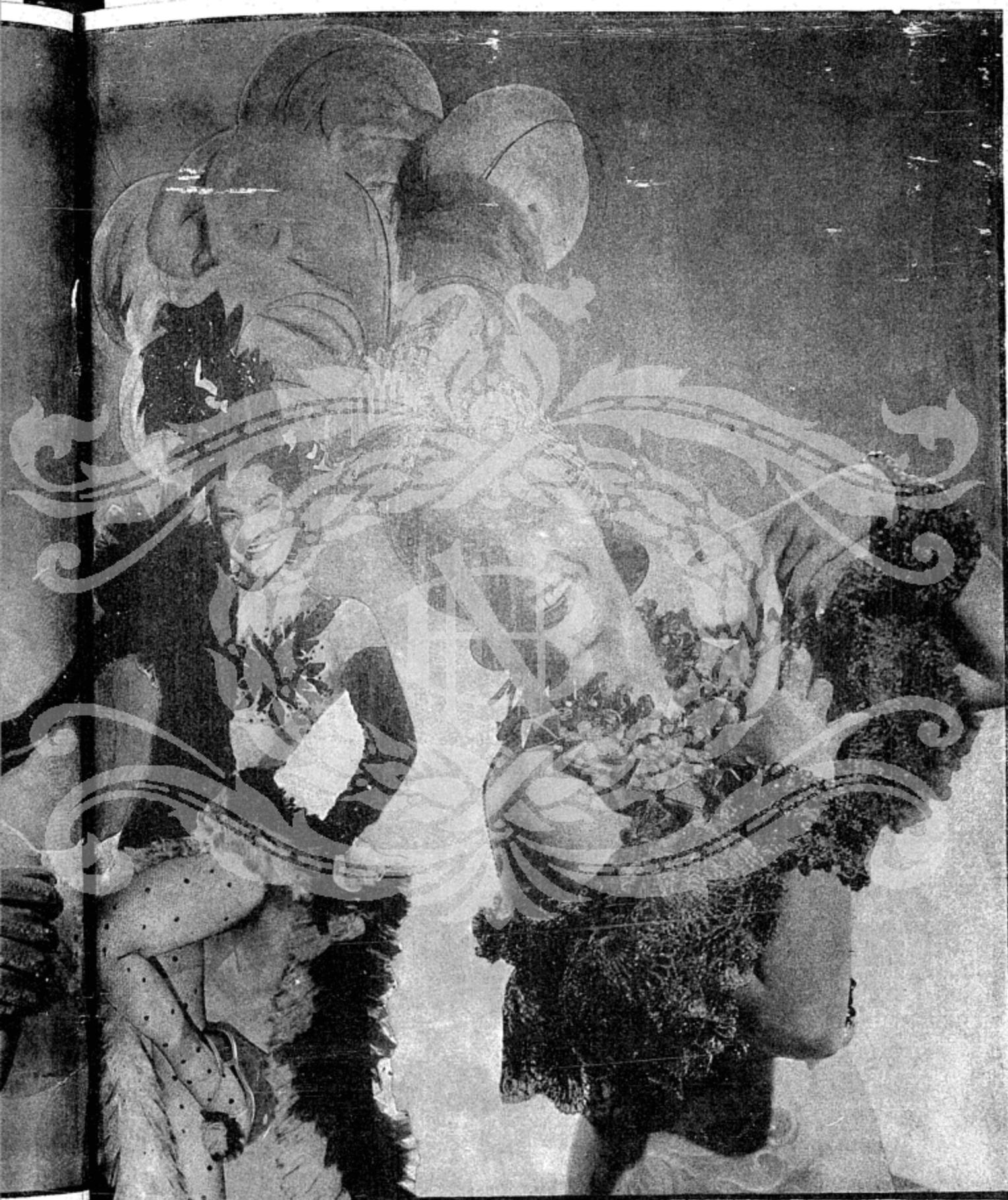
—ESQUISITO, não acham?

Nós, também, achamos. E não sabemos indicar bem o que seja... Mos, depois que vocês virem "Greenwich Village" — o próximo filme de "Miss Miranda" — encontrarão explicação para êste quadro...





-Doces notam alga



alguma diferença?...



CARMEN MIRANDA tem uma virtude marcante: boa filha. Logo que fixou residência nos Estados Unidos, chamou sua mãe para o seu lado. E aí está ela, comovida, abraçada à filha sempre extremosa...

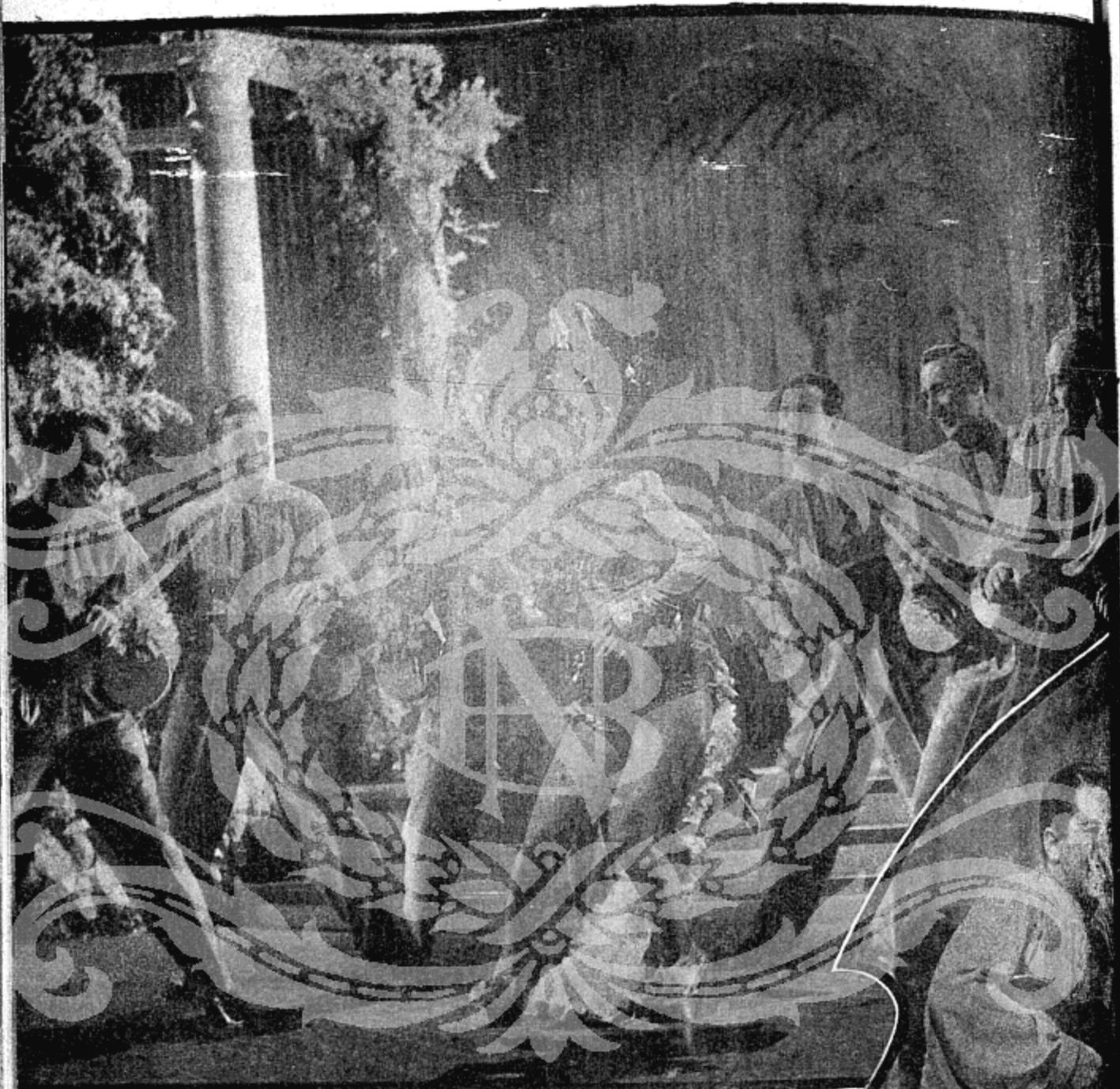


DE quando em quando, circula o boato: «Carmen vem ali» Ficamos todos aguardando. Vem. Não vem. Até que alguém, mais atilado, esclarece: *«Chega!»* Está na Cinelandia, num filme formidável! Desta vez, porém, parece que é sério. Carmen vem mesmo. Agora, no fim do ano. Para passar o Natal no Brasil.



CARMEN
VERM
...





A baiana
dança também...
a rumba!

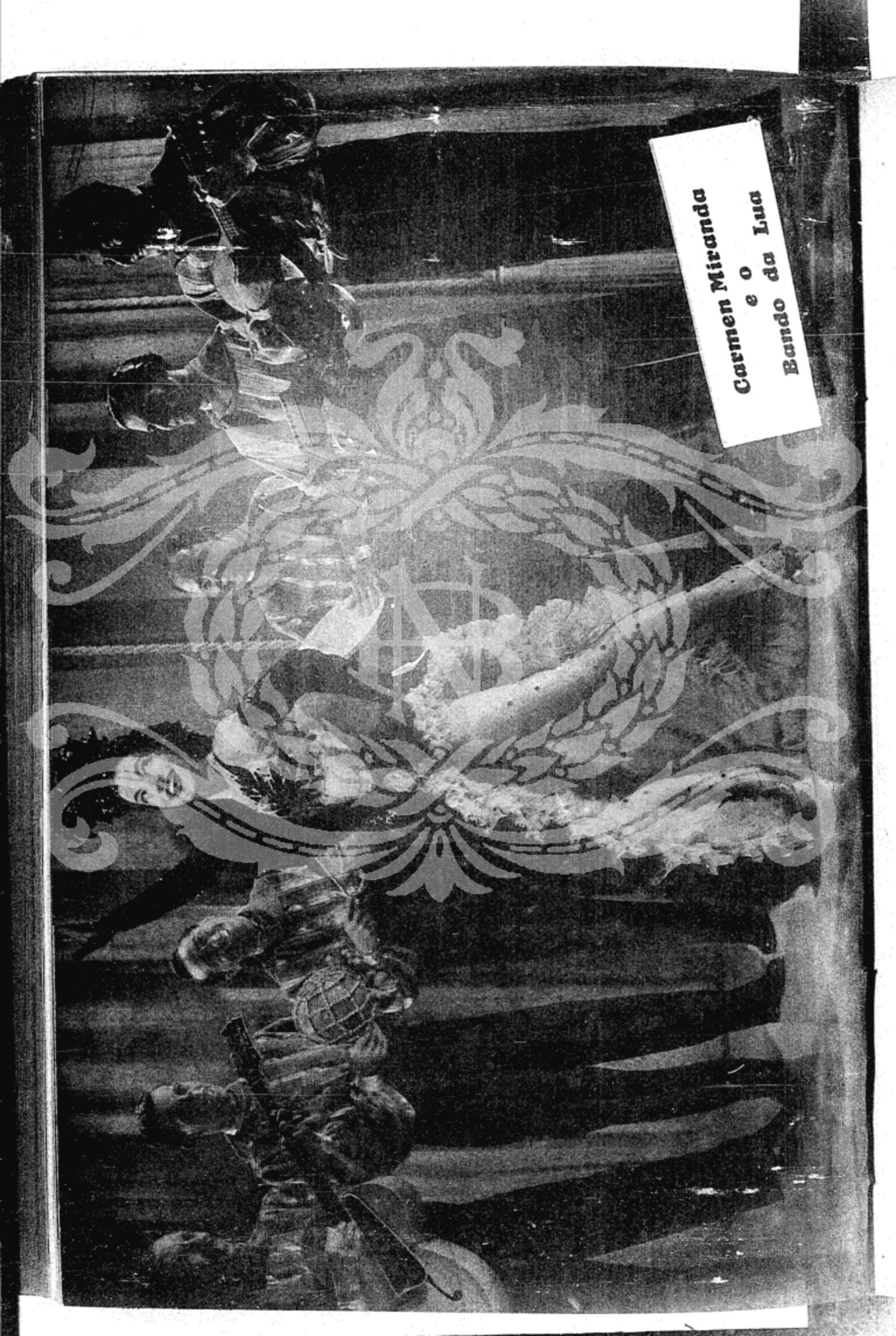




AO olharmos estas fotografias de Carmen, sabendo de ante-mão que elas representam cenas de uma película musicada, deduzimos logo que o filme deve ser «do barão»... E nem poderia deixar de assim ser, pois estas vestimentas alucinantes — mescla de baiana e de rumba —, estes rapazes «atigando», os ruidos, os refletores, tôda essa movimentação, enfim, teria forçosamente, de mexer com o sangue de «Miss Miranda»!...

O resultado aí está. E estamos apreciando fotografias paradas... Imaginem só, isso na tela, em movimento...

**Carmen Miranda
e O
Bando da Lua**



GUIRLANDAS de flores com dois diferentes riscos guarnecem as peças de "lingerie" desta página.

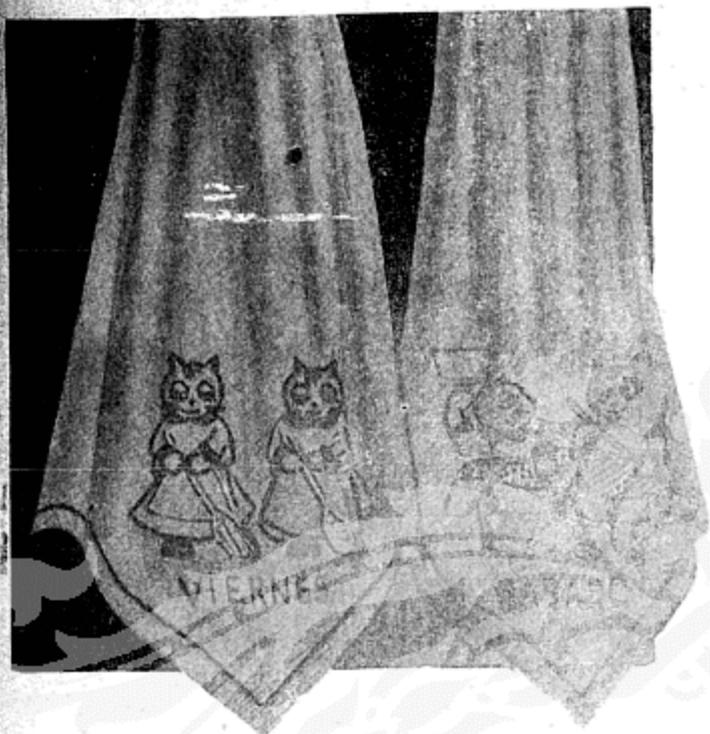
Estas peças podem ser feitas em rosa, azul, verde claro, amarelo claro ou branco, tendo o bordado na cor da seda.



Para a camisa de noite as flores podem ser feitas em aplicação ou ponto de sombra em cores variadas.



Para a Co



PARA os sete dias da semana oferecemos hoje um interessante motivo de gatos, para ser bordado nos panos de cozinha. São feitos em fazenda grossa, lavável.

Os gatos são bordados em ponto de hoste, pontos de laçada e ponto cheio.

FON-FON

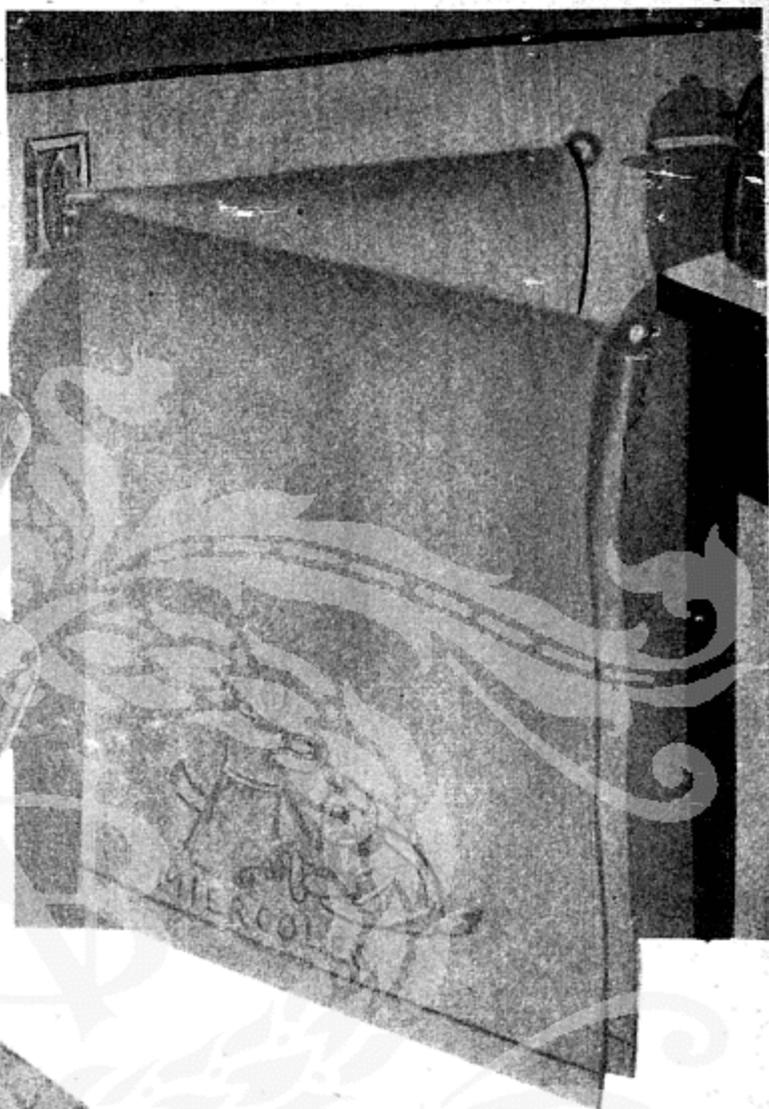
30-9-1944

— 70 —



a Cozinha

ano
res-
ara
co-
nda
em
la-



Os vestidinhos são feitos em vermelho uns e em azul outros, guarnecidos com pontos de nó em côr contrastante.

Os nomes dos dias da semana são feitos em pontos de haste com linha vermelho ou azul. O corpo dos gatos pode ser executado em ponto de haste preto, cinzo ou amarelo. Os complementos de cada grupo de gatos são diversos acessórios, como vassoura, corda para roupa, etc.

Estes riscos são encontrados no suplemento.

FON-FON

30-9-1944

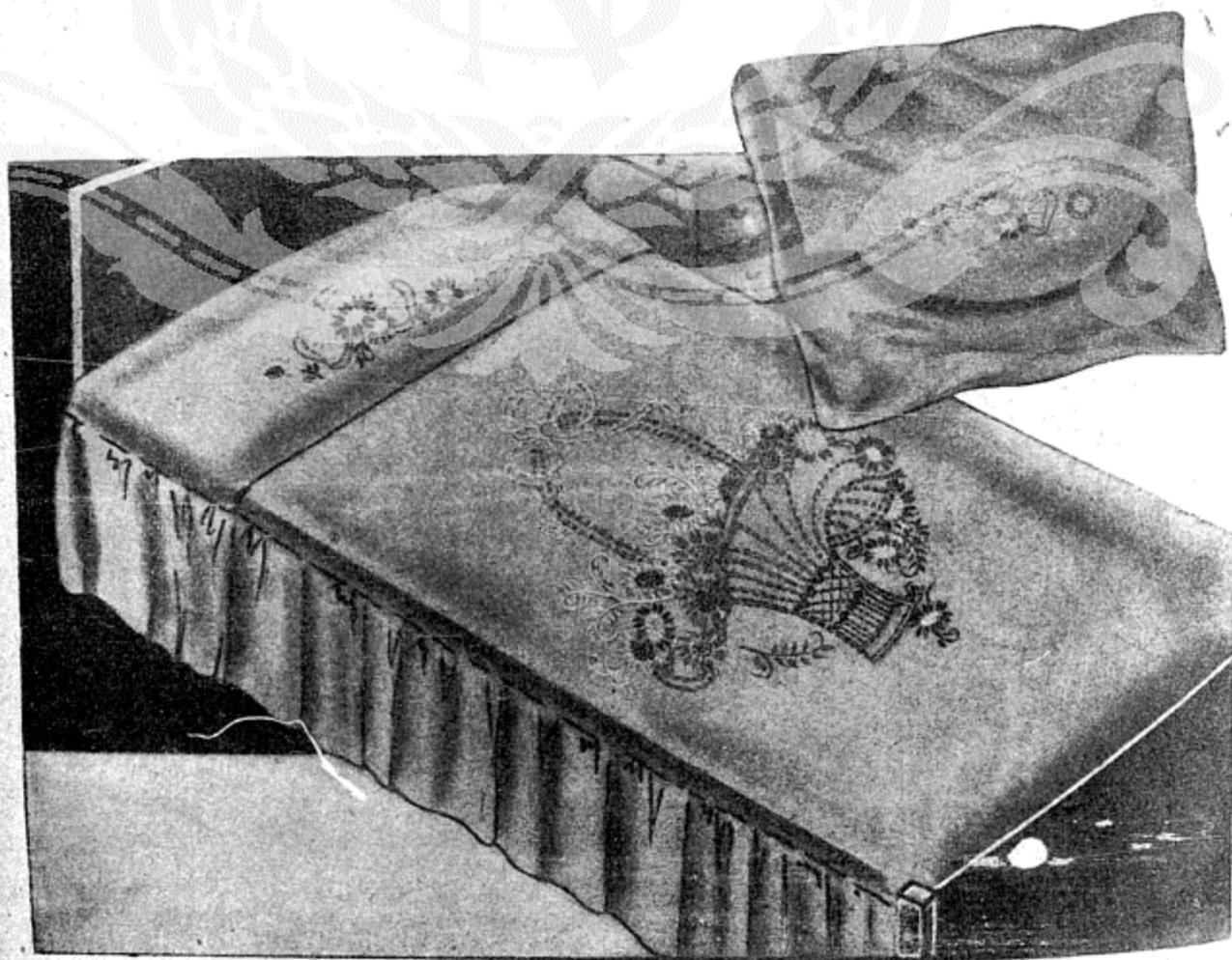
— 71 —

AZUL muito pálido é a cor que escolhemos para os diferentes trabalhos desta página. Uma colcha com uma grande cesta de margaridas; uma bolsa para guardar camisa de noite e cortinas. As margaridas são feitas em ponto de lacada de vários tons de amarelo e rosa, Centro em ponto de nó laranja. Hastes e folhas em tons de verde. O laço é feito em alinhavos laranja e pontos de nó marrom. A bolsa para roupas usadas tem também a cesta como adorno. Leva em toda a volta e na abertura um viés em cor contrastante. Para as cortinas riscam-se apenas as margaridas que são espalhadas na barra. Leva também uma barra colorida. Um elegante laço e quatro margaridas são o complemento da bolsa para camisa de noite. Também com um viés em cor diferente do fundo é terminado este trabalho.

O bordado é feito em todos estes trabalhos como foi indicado no início. Os riscos são encontrados no suplemento.



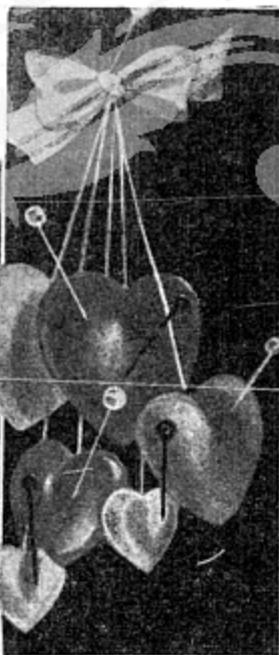
Para o quarto de menina





ALFINETEIROS

DUAS graciosas figurinhas de menino e menina, e um grupo de corações de diferentes tamanhos, é o que oferecemos nestas páginas como alfineteiros. Na figura dos meninos, os alfinetes são colocados em um coração que deve ser feito como uma almofada. A menina tem o vestido em rosa com as pregas marcadas com ponto de haste rosa forte. A renda que aparece em baixo da saia é presa no feltro rosa, com pontos sumidos. A calcinha em feltro branco com feston. Rosto e braços em feltro cor de carne. Os cabelos em ponto de haste castanho claro e a fita em feltro azul. O «bouquet» é em feltro verde coberto de pequenas flores bordadas e aplicadas. O menino tem as calças em cinza, a jaqueta em azul forte, blusa branca e gravata azul com bolas rosa forte. O chapéu em amarelo palha com pontos de laçada em cinza. A fita do chapéu em azul forte com pontos em cinza. As flores são feitas em diversas cores formando um «bouquet» redondo. Um grande laço azul arremata o «bouquet». O último dos alfineteiros é simples e gracioso, consistindo em seis corações em vários tons de rosa e vermelho. O risco para a execução dos dois graciosos meninos é encontrado no suplemento.



Trabalhos para Igreja

DELICADAS violetas e uma artística cruz são dois lindos motivos escolhidos para cortinas de sacrário.

São feitas em cetim côm de marfim.



O bordado é executado em matiz, com seda destorcida. As violetas são feitas com 4 tons de roxo, começando do centro com a mais escura, clareando nas extremidades.

As fôlhos em três tons de verde. A outra cortina tem no centro uma cruz, uma coroa de espinhos e grandes raios.

Os raios são bordados em dois tons de ouro. A cruz em





tom de canelo e a coroa em marrom escuro.

As duas cortinas são terminadas com franja dourada.

No suplemento podem ser encontrados os riscos para estes trabalhos.



QUINA E PETRÓLEO "RIO DE JANEIRO" de Mendel

OS MAIS FINOS PRODUTOS PARA CONSERVAÇÃO E BELEZA DOS CABELOS!

DISTRIB. GERAL
LEONCITO
AMBRAN
AV. RIO BR. 1094
TEL. 23.3947
R. 116

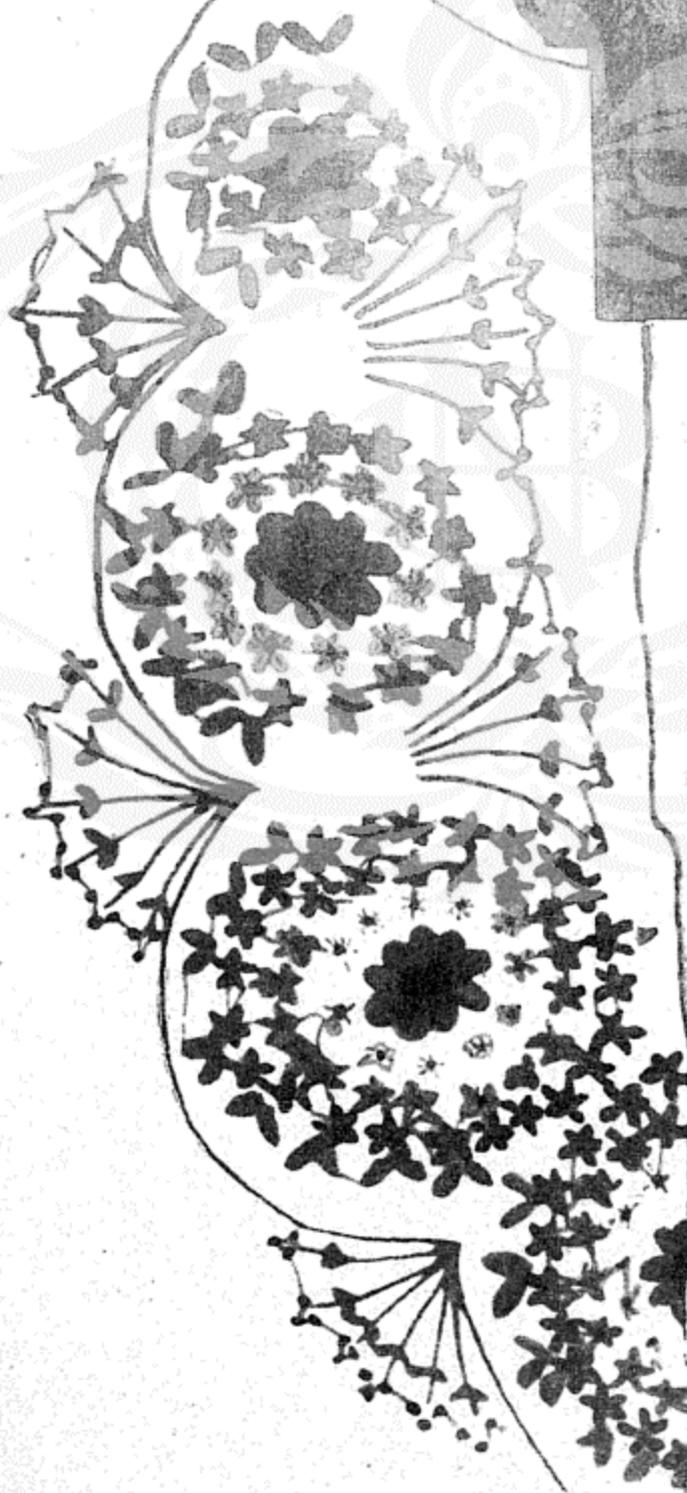
INSTITUTO CARLOS OSBORNE
RADIODIAGNOSTICO - RADIOTERAPIA
Raios X a domicilio

PRAÇA GETULIO VARGAS, 2 - 7.º ANDAR

Edifício Odeon - 22-6034 - 26-9238 - 27-3866

Serviço Permanente das 9 às 17 horas

*Dame française enseigne
son idiome avec méthode facile et
rapide - Tel. 26-3995. Prix modérés*



Blusa bordada.

EM fazenda vaporosa deve ser executada esta blusa, que é guarnecida com coroas de diferentes tamanhos, formadas de pequenos miosotis e margaridas.

O risco é aplicado, encontrando no centro, como pode ser observado na ilustração. As pétalas das margaridas são feitas em fraise e o centro em vermelho vivo. As pétalas dos miosotis são feitas em ponto de laçada com três tons de azul e o centro em ponto de nó amarelo. As demais flores, formadas de três pontos de nó, podem ser feitas em rosa ou amarelo. Hastes e fôlhas em tons de verde. O risco é marcado por uma carreira de ponto de haste preto, formando grandes bicos redondos.

Este risco pode ser encontrado no suplemento de FON-FON.

O RIVAL

(Continuação)

— Como «que homem?» Esqueces que, se estou disfarçado de homem e a moda é por «alços» e por «alguém». Esse rival é o preço desta elegância.

— Graças a ele aprendeste a vestir-te.

— Bem. Tade disseste que posso encontrá-los?

— Ao entardecer, em uma confeitaria da Avenida... Irei contigo.

— Não, papai. Irei só.

— E' que eu...

— Benito-te que irei só. Nada ocorrerá. Não haverá escândalo. Quero vê-los». Apenas...

— Tua palavra?

— Minha palavra!

Com efeito, às 19 horas, um homem jovem, elegante, irrepreensível, olhou para o interior de uma luxuosa confeitaria da Avenida, como que procurando alguém. Seus olhos brilhantes e negros, revistaram as mesas uma por uma. E, de repente, se detiveram em uma delas. Estavam olhando-o, surpreendidos, os olhos formosos de uma mulher. Apenas essa mulher não estava só. Era verdade. Ricardo Villarán quis avançar, ir até eles, mas sua palavra, a palavra dada ao pai, o imobilizou. O rival, os outros, estava ali, de costas para ele, conversando com Sílvia. O aspecto, efetivamente, coincidia com o que havia escutado dos lábios de Marcos. Um homem elegante, distinto, de sociedade. Rival temível sem dúvida. Não importava. A luta ia começar. Hoje só queria vê-lo... Estava, pois, satisfeito.

...

RICARDO VILLARÁN foi assim transformando-se pouco a pouco. Cada dia menos lhe interessava a criação de coelhos no século XVIII, e agora somente passava um ou outro momento em sua biblioteca. Além do mais, precisava de tempo para isso. Procurava seu rival. Procurava-o, sim, pelos lugares mais concorridos, silencioso, sem nada perguntar, sem mostrar ciúmes, digno, sereno, com essa outra elegância da alma que as circunstâncias o obrigavam agora a vestir. As suas perguntas Sílvia respondera vagamente:

— Esse homem? Ora! Um «frito» sem importância. Posso apresentá-lo quando quiseres...

— Não tenho interesse. Tenho muitas outras coisas em que pensar...

— Por exemplo...

— Nossa casa... Nossa futura casa... Preciso estudar planos... Meu pai insiste em que devemos casar-nos quanto antes...

— Teu pai? E tu?

— Ora, penso como ele... E tu, que dizes?

— O que resolveres está bem...

— Parecez dizê-lo com um tom de indiferença.

— Enganas-te... Falo com o tom habitual. Há tanto tempo que tu o eu fazemos projetos, só projetos...

— Não. Esta vez...

— Esta vez será como as anteriores...

Indubitavelmente, Sílvia parecia já não crer nele como antes. No entanto, ele, por sua vez, se sentia outro. Sepultara no recanto mais obscuro de sua biblioteca aquele outro homem jovem, vestido de velho por dentro e por fora, que era antes do aparecimento de seu rival. Seu rival! Ora! Depois de tudo, esse homem desconhecido acabava de presen-

tar-lhe um assinalado favor: fizera-o

contemplar a vida de um ponto de vista diferente e esquecido: o ponto de vista de sua juventude, adormecida por tantas leituras raras e absurdas. Agora era necessário procurar esse homem, esclarecer uma situação, rápida e energicamente, embora, para consegui-lo, fôsse necessário chegar à violência. Mas, para isso, cumpria-lhe devolver a seu pai a palavra empenhada.

...

ASSIM foi. Uma noite, deu-lhe a conhecer a sua resolução, e procurar explicar-lhe:

— Não deves inquietar-te, papai. Nada ocorrerá. Será, em suma, uma conversação amável entre dois cavaheiros...

— Assim o desejo, Ricardo. Bem deves compreender que nosso nome é impoluto.



FALSA ECONOMIA!

Irritações da pelle, assaduras, impingens são os resultados da falta de hygiene das creanças ou de emprego, no banho das mesmas, de sabonetes de qualidade inferior.

O incomparavel **SABONETE DE REUTER** ha cincoenta annos provado e approvado em todo o mundo é o que existe no genero de mais puro e de mais apropriado para a pelle fina e delicada das creanças.

O **SABONETE DE REUTER** é o unico em que as mães podem confiar absolutamente. As suas qualidades de pureza e perfume, deve-se juntar a sua grande durabilidade, maior que a de qualquer outro do genero.

Principie a usar, hoje mesmo, o **SABONETE DE REUTER** e nunca se arrependerá.

Sabonete de REUTER



BUSTO *Hormo Vivos* **PÉRFEITOS**

Produto científico para embelezar os seios
O **Hormo Vivos n.º 1** é aconselhado para os seios pequenos ou flácidos
e o **Hormo Vivos n.º 2** para os seios grandes, volumosos.

Inofensivo á saúde. Absoluta confiança

— Agora já podes pensar, novamente, em tua viagem.

— Por que?

— Porque resolvi casar-me antes de três meses.

— Alegro-me. Já tens tudo preparado?

— Tudo. Só me falta essa entrevista, que penso obter dentro do mais breve prazo possível. Amanhã mesmo conversarei com esse homem...

Apenas no dia seguinte, seu rival não apareceu pela confeitaria, onde o esperava Ricardo Villarán. Mas este não tinha pressa. Continuará esperando-o. Deixou de ir alguns dias. Procurou-o por outros lugares, mas foi tudo inútil. Até que, uma tarde, seu pai o chamou pelo telefone:

(Conclue na pág. seguinte)

NUM COLCHÃO YORK FLEXÍVEL

bôa noite!

Em padrões variadíssimos, em todos os tamanhos, para seu gosto, para seu bolso, para o conforto do seu sono — um COLCHÃO YORK FLEXÍVEL.

NUM COLCHÃO YORK FLEXÍVEL... BÔA NOITE!

FABRICA DE COLCHÕES YORK LTDA.



Brasileira

LOJA:

AV. ATLÂNTICA, 354-A
Fábrica: Av. Henrique Vi-
ladores, 175 - Tel. 22-9891
Facitório: Rua do Ousidor,
61 - 1.º andar - Tel. 43-5098

ELÓRA POSSOLO E SEU NOVO LIVRO

"A Hora do Amor" é mais uma
afirmação de seu talento poético



VELHO tema, o amor inspirou a festejada poetisa Elóra Possolo uma deliciosa coletânea de versos, que vem de ser editada sob o título sugestivo de "A Hora do Amor". Trata-se de mais uma brilhante afirmação do talento de escóla da inspirada poetisa que já nos deu "Mal Divino". Em seu novo livro, Elóra Possolo revela facetas novas de seu estro inspirado de filha das musas, a serviço de sua delicada sensibilidade feminina, o que torna seu novo trabalho merecedor do melhor acolhimento por parte de nosso público amante dos bons livros.

O RIVAL

(Conclusão)

— Ricardo?
— Sim, papai...
— Acabo de encontrá-lo... Está aqui... na confeitaria..., sozinho..., esperando Sílvia, sem dúvida...
— E Sílvia?
— Está em casa... Venho de lá. Marcamos a data do casamento: será a cinco do mês vindouro... Teus futuros sogros estão encantados...
— E tu, papai?
— Eu? Imagina... Não desejo outra cousa...
— Bem, papai. Podes ir... Tomarei um taxi e chegarei aí em poucos minutos... Intriga-me esse homem... Quero saber quem é, o que pensa, por quem me tomou. Nada mais... Até logo...

...

Em um momento depois, Ricardo Villarán descia rapidamente de um auto, diante da luxuosa confeitaria. Avançou, muito senhor de si mesmo. Imediatamente, distinguiu o desconhecido. Estava aí, na mesma mesa, no mesmo lugar de costas para a rua, como ocultando-se.

Ricardo foi até ele, disposto a instalar-se em sua mesa.

— Com licença, cavalheiro...
— Pois não, jovem...

Diante daquele homem, Ricardo Villarán caiu em uma cadeira. E apenas conseguiu exclamar:

— Papai!
— Ricardo!
— Tu?...
— Eu! Sim! Que queres tomar?
— Quem?

— Tu! Pergunto-te o que queres tomar. Estamos em uma confeitaria... «Garçons!» Por favor...

— Não, papai! Vamo-nos! Quero sair à rua..., ao ar livre... Tenho vontade de rir às gargalhadas... como creio que nunca ri... Papai, és um gênio!...

— Ora! Não exageres... Não sou mais que teu pai... Um pouco de imaginação... e um pouco de egoísmo... Eis tudo... Não quero perder minha viagem... Mas antes queria ver-te casado...

E Ricardo Villarán tomou, alegremente, o braço de seu rival, aquele rival que era seu melhor amigo, seu inseparável companheiro: seu pai...

O AUMENTO DA POPULAÇÃO NA SUÉCIA

SEGUNDO o comunicado do Escritório Central de Estatística, a população da Suécia aumentou no ano passado de 64.600 pessoas e a população total se eleva, atualmente, 6.523.000 habitantes.

O aumento foi extraordinariamente grande e apenas uma vez foi sobrepujado, isto é, em 1860, quando atingiu 72.000. Proporcionalmente à população, o aumento é de 10 mil, isto é, o maior desde 1898. A razão principal do aumento do ano passado é o excesso de nascimentos, que se elevou a... 59.000.

Em 1943, 53.000 pessoas deixaram o campo para estabelecerem-se nas cidades. O aumento da população nas cidades, 65.400 pessoas, é o maior até aqui registrado, e o excedente de nascimentos das cidades nunca foi tão grande como agora, 28.700 pessoas. Quasi a metade do acréscimo da população das cidades provém do excesso de nascimentos.

Terra natal

De ALVARO LADEIRA

EU não deixaria de escrever agora sobre aquelas paisagens natais que, avivando a minha infância, legaram na memória imponderável uma recordação imortal.

De volta das férias, onde fui respirar o oxigênio suave das montanhas, os olhos atarantados se espalharam pelos lugares onde andei descalço quando coibia as amoras entre as moedas do canavial, enquanto ressurgia os vestígios dum mundo antigo.

Percorrendo de bicicleta os trechos tão amados identifiquei-me, revendo o garoto sonhador que pescava no rio e, em certo dia, apanhou uma surra surpreendido com um cigarro nos lábios.

Lá estava o porão da casa solarenga, em cujo esconderijo o filho do carroceiro me fornecera um "Caras e caretas", recordação do primeiro pecado venial que exalou, na minha boca, um hálito brando e amargo ao mesmo tempo.

Pelas estradas poeirentas, evoquei numa curva o ermo em cuja grama corajosamente fóra travada a minha primeira luta humana, enaltecendo o senso do amor próprio, perto da cachoeira de águas translúcidas, na qual havia uma frescura adorável de fonte, onde eu e meu irmão mais velho íamos nos banhar depois de terminadas as aulas.

O quintal estava mudado. As mexeriqueiras plantadas simetricamente no terreiro me pareceram derretidas, pois as tangerinas de ouro que vergavam das galhadas densas já não frutificavam ao longo.

Em frente da fábrica que pertenceu ao meu pai, as gojabeiras se humilhavam, quasi estioladas, iguais às canavieiras que morreram ressequidas.

Já não existia a ponte negra que ele mandara construir para substituição da canoa "Ligia" que, conduzindo seus empregados, na treva causou a morte do Chico, após fatal libação de vinho.

Tudo estava diferente e ali fui revendo um bairro estranho, animado pelo progresso, cujas vilas operárias, originárias da sua iniciativa, sorriam florescentes.

Ao rever, então, o florilégio daqueles panoramas sonoros, a ressurreição dos primeiros anos foi insinuando-se, mansamente, diante dos meus olhos ofuscados, como uma chama amorável destilando o instinto primitivo de impressionista.



Só ha duas cousas belas no mundo - As mulheres e as flores!

espeitando o pensamento do imortal "Malherbe" a mulher se obriga a ser bela, conservando a sua pele macia e ave-ludada como as petalas das flôres. Leite de Amendoas de Mendel evita cravos espinhas panos, sardas e vitaliza a cutis



LEITE DE AMENDOAS DE MENDEL

Distribuidor exclusivo: LEONCITO AMBRAN
Av. Rio Branco, 109 — 4.º andar — RIO

PO' DE ARROZ "GRASEOSO DE MENDEL"
DELICIOSAMENTE PERFUMADO

Do esplendor das colinas, retornando assim dum passelo virgiliano entre cismas mais amáveis, o sorderno silêncio já se estendera sobre o rio Paraíba, escoando-se numa toalha escura.

De certo, eu deveria sentir uma emoção suprema enquanto a fronte pendia, de súbito, e os meus passos, ressoando na solidão, se perdiam naquela harmoniosa noite no jardim da minha tia envelhecida, trescalado pela aroma fino das rosas "espumas do mar", tão ardentes que ainda perturbavam, na perspectiva errante dos canteiros, a agudeza sensual de todos os sentidos...

SUPER CERA
GOSCH
PARA SOALHOS

Usando-a uma vez por mês
terá o soalho sempre
brilhante.

Baile



Vestido para as "soi-
rées" dansantes, de
seda de dois tons
bem combinados.

Gracioso modelo de
seda vermelho-cereja
guarnecido com ve-
ludo mais escuro, ter-
minando num amar-
rado na frente.



Vestido de noiva de cetim meio-fosco-branco. Cintura justa e franzidos na altura do busto e das cadeiras, dando-lhe extraordinária graça.

Modelo de noiva para confecção em jersey de seda branco-pérola. Amarrados no corpo e sala formando drapeados.

Noivas

ara as "ai-nsantes" de dois tons combinados.

modelo de melho-cereja o com vermelho-escuro, terminando num amarelo na frente.

Saibam todos

DIREÇÃO DE BASTOS PORTELA (YVES)

Já se disse e, frequentemente se repete, que, o conto, é um género difficilissimo. Tanto é assim que são poucos os contistas notáveis, da estirpe de um Maupassant, de um Catulle Mendès, de um Rudyard Kipling, de um Eça de Queiroz, de um Oscar Wilde ou de um Pitigrilli.

Entretanto, o conto, entre nós, é tentado com a mesma pertinácia e a mesma leviandade com que se perpetra o clássico soneto — o, já agora, fatigante soneto.

Por isso mesmo, raros são os livros de contos que merecem a honra de figurar em uma estante de escol. Muitos não resistem a uma critica severa.

Por que? É fácil explicar que lhes faltam as qualidades essenciaes. Isto é, as qualidades que caracterizam tal modelo literário: leveza de estio, narração ágil, poder de concisão, temas originaes, imprevistos de ação, etc.

Silvia (Capital) — Aqui está a sua carta de agradecimentos pelas palavras de incentivo que lhe dirigiu. Ela é quase confidencial. Daí a razão por que não aparece nesta página.

Terei prazr em lhe ser útil literariamente ou no que for possível.

Mas, é claro que já não me lembro dos versos que deram motivo á sua missiva amável.

Permita-me acentuar que não é impossivel ser grato, fora do ambito das palavras.

Disse um poeta francès, creio que Gèraldy, que nós vivemos por trás das palavras... Gozamos, sofremos, amamos, sonhamos, mentimos, cometemos atos bonitos ou feios, etc. Entretanto somos sempre uma ficção, uma cousa vaga, abstrata, uma quimera, um fantasma.

Assim, a verdadeira gratidão não deve circunscrever-se a uma simples intenção, a um voto inexpressivo, a uma aspiração mais ou menos platônica, mas deve ser uma cousa positiva, real, concreta, palpável.

Mesmo porque o velho axioma — "querer é poder" — ainda tem, a sua explicação no século XX. Sobretudo, neste século...

RETIFICAÇÃO — A propósito da publicação de um soneto do professor e poeta Hamilton Aluizio Elia, em "Os melhores versos da semana", recebemos a seguinte carta, assinada por aquele homem de letras:

"Meu caro Yves — Quero, de início, agradecer a gentileza com que me distinguiu, incluindo uma de minhas composições poéticas numa das secções mais lindas da imprensa brasileira.

Apresso-me, porem, em retificar o equívoco em que incorreu, considerando-me ocupante da cátedra de português da Escola Naval, naturalmente por saber-me classificado em primeiro lugar, entre os candidatos militares aprovados no concurso, para provimento daquela cátedra.

Destarte, não me parece fora de propósito acentuar a reserva, direi mesmo, a ponta de prevenção com que abri o livro de contos, "Sombras que eu vi"... de Maria José Bastos Cordeiro.

Seus contos são de fundo regional. Filão exaustivamente explorado, é justo repisar. Mas, acontece que a autora possui estilo agradável, e as cenas e os personagens do livro são focalizados com brilho, não raro com originalidade.

Acrescente-se a isso a habilidade e o cunho acentualmente pessoal com que Maria José Bastos Cordeiro sabe apresentar as suas páginas.

"Na tela do meu sertão", como "Palhaço" e outras mais, é, a meu ver, uma composição que, por si só, recomenda esse volume de contos aos que amam as leituras sãs e atraentes.

BASTOS PORTELA (Yves).

Muito grato, portanto, ficaria com a publicação desta, o amigo e admirador — Hamilton Aluizio Elia. — Rio 8 de setembro de 1944".

E assim fica esclarecido o fato que motivou o nosso engano.

SOUS LE CREPUSCULE

(De PAULA BARROS)

*Ton abai-jour pervenche éclairer l'escalier,
tes riches gobelins et tes guipures blanches...
Mon amour, il fait soir. L'hiver est lourd et*
[sombre...]

*Donne-moi un baiser... Un seul! Je vais partir...
Hors de ta chambre rose,
Je cherche en vain cacher, dans ma bouche sanglante,
ton baiser enivrant,
sous la chaude clarté d'une étoile rouge...*

*Ah, si cet adieu, plein de douces tendresses,
éloignait de mon coeur l'horreur de ce départ,
il faudrait l'oublier sans douleur et sans plainte.
Et toi, puisque tu m'aimes,
écoute: je voudrais revivre ce moment
et goûter la douce joie
de partir, maintenant.*

*Il fait froid. Et je frissonne...
Le ciel et la mer! Oh, qu'ils sont beaux!
Regarde! La splendeur des astres va descendre
sur l'eau verte, là-bas, où flottent les bateaux...*

*La mer, le ciel, les astres d'or?
Mais cela ne vaut pas la gloire
de garder, à jamais, dans un mouchoir de femme,
le parfum d'un baiser éclatant, dont la flamme
vient de la clarté d'une étoile rouge!*

OS MELHORES VERSOS DA SEMANA

CREPUSCULO INTERIOR (1)

De PAULA BARROS

Acendes o abajour "pervenche" e iluminas a escada.
Rebrilham os teus gobelins e as tuas rendas de Bruges..
E' tarde!... (E que tarde de inverno!...)
Um beijo!... Apenas um! E deixo-te!...

E já fóra
como pesa esconder a gloria de um momento,
na cambraia de um lenço — o teu unico beijo
e que em minha boca ficou numa estrela de «rouges»!
E' forçoso esquecer o adeus si o teu jovial carinho
apaga do coração todo o horror da partida!...
Bem quizera voltar pelo prazer supremo,
de renovar, indefinidamente,
a mesma despedida.

E aqui fóra este frio!
E o mar e o céu em laivos de ouro e rosa
E vem dos astros o esplendor das joias
refletir-se nos verdes da salsugem!...

Mas que importa este céu?...
Si ele não vale a gloria
de um lenço que se aperta
escondendo a lembrança
de uma alma de mulher na refiqua de um beijo
que é a saudade a brilhar numa estrela de «rouges»!

(1) Damos, aqui, a título de curiosidade, uma versão, de Bastos Portela, para o francês, do "Crepúsculo interior", de Paula Barros, sob a epígrafe de — "Sous le crépuscule":

PAULA BARROS (Carlos) é um dos nossos poetas de larga projecção em nossos meios musicais e literários. E' ele o tradutor do libreto do «Guarani», de Carlos Gomes, para o português, e autor de vários volumes de poesia. Tendo-se distinguido pela preferência que dá aos motivos folclóricos, escreveu mais de dois poemas, sobre o assunto, entre os quais se destaca «Muirakitana», bela coleção de lendas poetizadas, sobre o Amazonas. Mas,



Paula Barros é, ainda, um poeta de feição intimista, ou melhor, um não-lírico de sensibilidade elegante, e cujos acentos evidenciam a inevitável influência das escolas francesas. Reflexo dessa influência, salientemos ainda, é o galante poema «Crepusculo interior», que, hoje, oferecemos aos leitores do FON-FON.



BELZEMA

para Erupções da Eczema

• Pomada não gordurosa,
antissética, que combate as
coceiras e erupções da pele.
Não requer ataduras.



PARA A **TOSSE** DA MAMÃE A **ROUQUIDÃO** DO PAPEI A **BRONQUITE** DA NETINHA E O **PIGARRO** DO VOTO

GRINDELIA

DE OLIVEIRA JUNIOR



Culinária de bom gosto

"SOUFFLÉ DE AMORAS — 5 folhas de gelatina branca; 10 folhas de gelatina vermelha; 2 copos de água fervendo; 2 copos de açúcar; 2/3 de copo de suco de amoras bem maduras, esmagadas e esprimidas em um pano fino; 2 claras bem batidas; 1 cálice de

marasquino, kirsck ou mesmo anizete, algumas ameixas secas, bem macias (se forem duras, fervam-se em água açucarada até amolecem e ponham-se a escorrer bem). 2 ou 3 fatias de abacaxi em composta ou fresco; 250 grs. de amendoas peladas, das quais se tiram algumas inteiras para a guarnição, cortando as outras em filetes.

Ponha-se em uma caçarola 7 folhas de gelatina vermelha, que

se dissolvem com 1 copo de água fervendo. Junte-se com 1 copo de açúcar, o suco das amoras (pitangas, framboezas, morangos ou groselhas também são excelentes); Deixe levantar a fervura, junte 1 clara bem batida, misture bem, cople por um pano fino e despeje em uma bonita forma levemente untada de azeite finíssimo. Ponha a gelar.

Junte as 5 folhas de gelatina branca e as 3 vermelhas, dissolva com 1 copo de água fervendo, misture 1 copo de açúcar, o licor deixe levantar a fervura, junte 1 clara bem batida, misture bem, cople por um pano fino. Ponha a gelar até começar a ficar espessa; bata então com um batedor de ovos até ficar espumante. Misture 1/2 xícara de ameixas cortadas em pedacinhos, 2 ou 3 fatias de abacaxi cortadas em cubos e meia xícara de filetes de amendoas. Despeje sobre a gelatina de amoras e ponha a gelar até ficar bem firme. Desenforme e guarneça em volta com ameixas, nas quais se dá um golpe para enfiar uma amêndoa inteira.

Faça Maionéses

"Temperadas com elogios!"



— USE ÓLEO "A PATRÃO" puríssimo, super-refinado!

• Cristalino, de uma linda cor de ouro, inodoro e sem gosto, este óleo puríssimo conserva integralmente todo o delicado sabor das saladas e maionéses.

Fabricado por processo de refinação completa, não queima, não fuma e não toma o gosto dos alimentos. Por isso, é excelente, também, para frituras leves, digeríveis, de fino paladar!



ÓLEO **A Patrão**
UM PRODUTO DA Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

BOLO TRADICIONAL. — Bata 2 xícaras de manteiga com 3 e 1/2 xícaras de açúcar. Adicione 1 dúzia de gemas. Depois de peneirar algumas vezes 4 xícaras de farinha de trigo com 2 colheres de fermento em pó, junte aos poucos. Pique uma porção de ameixas pretas, pese, e adicione 100 gramas ao bolo, juntamente com 1 xícara de passas. Pingue algumas gotas de essência de amendoas, deite as claras em neve e leve ao forno quente, em uma forma grande. Cubra com um glacé feito de 3 claras batidas com açúcar de confeitaria. Com uma faca toque de leve o glacé, para ficar cheio de pontinhas. Adorne com confeitos prateados, e disponha ao redor do prato raminhos de pinheiro.

SOPA DE ESPINAFRE COM OVOS PARA 6 PESSOAS — Prepare-se o caldo como para sopa de massa; põe-se o espinafre lavado e já cozido e picado; ferve-se a sopa mais 10 minutos com óleo, engrossa-se com farinha de trigo, mistura-se com leite. Cozinham-se 6 ovos não muito duros, põem-se em água fria, descascam-se depois e deitam-se na sopa quente.



FAUSTIA

De MICHEL ZEVACO

Continuação
do numero
anterior

— Continuo. Assassinaastes o almirante Coligny. No momento em que puzestes o pé sobre a face sanguinolenta do cadáver, esta mão que aqui vedes, senhor...

Pardailan abriu a sua larga mão.

— Essa mão caiu sobre vossa face e depois tomastes o nome de *Esofeteado!*...

— E's tu! — rugiu Guise, enquanto que um horrível clamor de morte se espalhou na multidão.

— A mim! A mim... Prendei-os! Tomai-os! Quero-os vivos!

E então horrível tumulto se desencadeou. Os diques do oceano popular romperam-se... Crillon recuou até os seus guardas, levado como que por uma maré. O coronel dos suíços foi o primeiro que pôs rudemente a mão no ombro de Angoulême... Nesse instante caiu como uma massa; Pardailan acabava de tirar sua durindana, e, com o punho, violentamente descarregado, quebrou-lhe o cranio.

— Guise! Guise! — gritou Carlos, — Lembra-te de que aceitaste meu desafio!

— A' morte! A' morte! — ululava o rouco rugido da multidão.

— Vivos! Quero-os vivos! — vociferava Guise.

Esses gritos, esses gestos entremeados de expressões selvagens, de fisionomias sem humanidade, de rugidos de feras, olhares semelhantes a raios, vozes trovejantes; todo esse quadro furioso, onde fulgurava o brilho lívido das alabardas, das espadas, dos punhais; toda essa cena convulsionada que de longe e do alto dominava a ardente e fatal figura de Fausta, debruçada á sua janela; todo esse vertiginoso conjunto de atitudes intraduzíveis se desenvolvia no segundo em que o cavalleiro de Pardailan tinha atirado ao rei de Paris esse formidável insulto:

— Tu te chamas o *Esofeteado!*

No mesmo instante em que, com um golpe de espada, o cavalleiro abatera aos pés de Guise o coronel dos suíços, segurou Carlos, seu loboziño! Tomou-o nos braços, deu um salto, dirigiu-se para Crillon e o grupo dos guardas imóveis e pálidos.

Segurava sua durindana pela lamina e servia-se do punho como de uma clava, que nessa mão possante voiltejava, feria, despedindo clarões... Foi assim que abriu passagem até o grupo de Crillon, entre os gentis homens de Guise que se precipitavam sobre ele...

— Rendei-vos, Crillon! — vociferou Maineville, um dos aliados de Guise.

— Livrai-me desses dois javalis! — gritou Guise. — E saíreis com teus homens de armas.

Nesse momento, Pardailan pôs-se nas pontas dos pés, com o braço levantado, a durindana para o céu. Apareceu assim, em um inapreciável instante, com as vestes rasgadas, a fronte sangrando, deslumbrante, prodigioso de audácia e de ironia, sob os raios do sol que o envolviam, glorioso... E então, com voz que ressoou como o bronze, no instante em que Crillon, desvaifrado, se via abandonado, em que os guardas fugiam em debandada, quando Guise gritava triunfalmente, Pardailan trovejou:

— Trombetas! Tocai a marcha real!

Eletrizados, cheios de entusiasmo, os homens de armas urraram com um arrojo trágico:

— Viva o rei!...

E puseram-se em marcha, enquanto que a fanfarra real soava, despreendendo seus ecos sonoros pelos arredores da Gréve, dominando o pavoroso tumulto...

Na frente de todos, com a espada para o alto, ao lado de Carlos e de Crillon, que, estupefatos o admiravam, adjantava-se, semelhante aos heróis das antigas epopéias de Homero, o cavalleiro de Pardailan, que marchava, metendo-se pela multidão, arrastando os homes de armas, deixando um sulco entre a massa dos ligeiros e dos infernaes clamores de morte...

Ouviam-se tiros de arcabuzes; grupos de burguezes, armados de lanças, arremessavam-se sobre a tropa de Crillon... Mas a fanfarra, a marcha real, dominava todos os ruidos, e a voz de Pardailan retinia:

— Para a frente! Para a frente!...

— Meus homens de armas! Meus ligeiros! — balbuciava Guise, bêbedo de raiva e de vergonha, cambaleando de furor...

Os homens de armas da Liga estavam disseminados pelos quatro cantos de Paris, e não haviam aparecido ainda! Agora, diante da tropa de Crillon, dessa longa serpente eriçada de ferro, diante desses feridos que avançavam com um passo pesado e regular, as alabardas cruzadas, a multidão de burguezes abria caminho, fugia; uns corriam para armarse, outros descarregavam suas pistolas ao acaso, sem regra.

Pardailan embainhará sua durindana. Marchava na frente, com um passo rude, e gritava:

— Lugar ao rei! Lugar ao rei!...

Havia uma tal ironia nesse grito, que os que o ouviam não sabiam a qual rei o cavalheiro se referia, nem se era sob as ordens de um rei que o olhar desse homem chamejava!

Em alguns minutos, os homens de armas de Crillon estavam fora da Grève e, já pelo cais, dirigiam-se para a Porta Nova, enquanto que o tumulto aumentava, que as profundezas da cidade tinham um clamor surdo e que havia no ar como que um formidável *frisson* de batalha e de assalto.

Nesse momento, mil ligeiros, comandados por Bussy Leclerc, armados de arcabuzes carregados e prestes a fazer fogo, apareceram na paca da Grève, vindos da Bastilha.

— Enfim! Enfim! rugiu o duque de Guise, com um indescrifível acento de alegria selvagem.

Encaminhava-se para Bussy Leclerc: uma mão, repentinamente, pousou em seu braço.

— Que quereis? — perguntou ele, com voz rouca, áquele que o segurava, um fidalgo vestido de veludo preto que, silenciosa e sinistramente calmo no meio de todo esse tumulto, se assemelhava a uma ilha severa em volta da qual rola e ronca o mar furioso.

— Ledo isto, senhor duque — disse o fidalgo, que lhe entregou um papel.

— Eu! Monsenhor — vociferou Guise. Daqui a pouco... Amanhã!

— Amanhã, será muito tarde! — disse o homem de preto. — Esta carta é da princesa Fausta!

O duque, que avançava, parou imediatamente, com um profundo estremeamento. Agarrou a carta, com um gesto em que havia tanto respeito como um surdo temor... Quebrou o selo... E leu... O efeito dessa leitura foi fulminante. O duque cambaleou... Seu rosto tornou-se cor de cinza. Os olhos se esgazearam. Um rouco suspiro saiu de sua garganta e, com as costas da mão, enxugou a fronte coberta de suor frio.

— A's vossas ordens, senhor duque! — gritou Bussy Leclerc, parando diante dele.

— A's minhas ordens! — balbuciou o duque, cujas mãos convulsas rasgavam a terrível carta.

Lançou a todos que o rodeavam um olhar onde transparecia a loucura de um desesperado e talvez de um assassino; depois, em voz baixa, semelhante a um gemido:

— Ao palácio! Senhores! Segui-me ao palácio de Guise!...

E atirou-se cambaleando, seguido de seus gentishomens estupefatos, esquecendo Bussy Leclerc e seu mil ligeiros; esquecendo Crillon, Pardaillan e o duque de Angoulême; esquecendo todo mundo, até Belgodère, a quem queria transmitir suas instruções, até sua paixão, até Violeta!

Pardaillan continuara sua terrível marcha, arrastando Crillon e seus homens de armas, através dos ligeiros ululantes, mas que, sem chefe, sem armas, não ousavam atacar; a tropa de Crillon atingiu a Porta Nova no momento em que dos dois Chatelet, do Templo, do Arsenal, avançavam, correndo em direção à Grève, os batalhões prevenidos... Transpuseram a porta... E quando os últimos guardas franceses, passaram a ponte levadiça, houve na multidão de burgueses longos gritos de rajva imponente.

Então Crillon lançou-se nos braços de Pardaillan, dizendo:

— Meu apelido de Bravo não me pertence mais. É vosso!

— 76 —

— Partí depressa, se quiserdes — fez o cavalheiro: — tracaremos os salamaleques de rigor em um dia mais quente...

— Sim! Mas para que lado me dirigirei?... Ignoro onde esteja o rei!

— Vi-o ontem fugindo e muito pálido... Um triste sire, aqui para nós, senhor de Crillon! Se não me engano, tomou o caminho de Chartres...

— Vind' comigo, senhor — disse Crillon, admirando a brilhante e fina fisionomia do seu salvador; o rei far-vos-á coronel!

— Eh! senhor! — fez tranquilamente Pardaillan — Já sou marechal! Marechal de mim mesmo e já é muito. Porque fazer-me coronel dos outros? Crillon sacudiu sua cabeleira:

— Não vos compreendo — disse: — Não importa; sois um rude companheiro. Morte de minha vida! Se o rei tivesse seis servidores como vós, estaria amanhã mesmo sentado em seu trono!... Vamos, adeus!... Vossa mão?

— Ei-la!

— Vosso nome?

— Cavalheiro de Pardaillan! Adeus, senhor de Crillon. Dizei ao rei que não me esqueça em suas orações e sua próxima procissão!

O bravo Crillon, pasmado, não sabendo se o cavalheiro falava seriamente, voltou-se para suas tropas e comandou:

— Para a frente!

E pôs-se a caminho, saudando uma última vez com sua espada esse homem, cuja intrepidez o maravilhara e o intrigara com suas palavras, verdadeiro enigma de ironia.

Pardaillan tomou o duque de Angoulême pelo braço e, simplesmente, como se nada de extraordinário se tivesse passado:

— Entremos pela porta Montmartre e vamos repousar, esvaziando um cangirão de Suresnes na Devinière, em casa dessa boa senhora Huguette Gregorio... um velho conhecimento! O vinho da Devinière, senhor, tem para mim um grande encanto: é que meu pai o adorava... E quanto a Huguette... amou-me!... E isso me faz lembrar os tempos de radiosa esperança em que eu também... amava...

Pronunciando estas palavras com uma pungente melancolia, que não lhe era habitual, Pardaillan arrastou Carlos de Angoulême, admirado por surpreender em seu companheiro um sentimento tão terreno, de que não o julgava capaz.

Deixemos Pardaillan e Carlos de Angoulême entrar em Paris, e voltemos um instante ao duque de Guise, que acabava de entrar em seu palácio, deixando Bussy Leclerc, sem lhe ter transmitido ordem nenhuma, estupefato, no meio da praça de Grève.

Sob o porte de magnífico gentilhomem, sob a ambição desenfreada que fervia em seu cérebro, acima dessa paixão por uma pobre filha da boêmia que o escaudava, Henrique de Lorraine, duque de Guise, rej de Paris, pela força, quasi rei de França, pelo imenso desejo da Liga — enorme polvo que estendia seus tentáculos sobre este reino — esse homem, portanto, acima de sua inaudita prosperidade, lançado, ou antes, conduzido pela mão da Fortuna, prestes a subir a um trono, esse homem que era temido pelos reis, trazia em seu coração um mal terrível, uma úlcera que o roía, que, talvez, constituísse um obstáculo decisivo aos seus empreendimentos políticos: o ciúme!

Guise fez com que a sua sorte falhasse. A História, qua ajuiza pelos gestos exteriores, mostra-se admirada com suas paradas bruscas, sem recuos inconcebíveis.

Na praça de Grève, em lugar de pôr-se á frente dos mil ligeiros que lhe levava Bussy Leclerc, Guise

treme, abandona a multidão que o aclama, retira-se, foge quasi para o seu palácio, e deixa sair de Paris os três mil homens de Crillon, que iam ser o primeiro sustentáculo do exército com que Henrique III devia sitiá Paris!

Que se teria passado de tão espantoso? Que catastrophe teria abatido e paralisado esse espirito violento? Isto simplesmente: Guise lera a carta da princesa Fausta, que o cardeal Farnése lhe entregára. Essa carta continha apenas estas linhas:

— O conde de Loignes não está entre os que saíram de Paris em perseguição do Herodes. A duquesa de Guise, que pensais estar a caminho de Lorraine, e para onde vós mesmo a conduzistes, há dois dias, até Lagny, acaba de entrar em Paris. Alguém vos espera em vosso palácio, para explicar-vos esse duplo acontecimento".

O CARRASCO

Na tarde desse dia, sob a serenidade pallida do crepúsculo, Paris era abalado ainda por profundas estremecimentos. A escaramuça da manhã, na praça de Gréve, parecia prolongar-se pelos rugidos que de quando em quando repercutiam, sem se saber a causa; grupos de burgueses coraçados, com capacetes, armados de chuços, alabardas ou arcabuzes entretinham-se nas encruzilhadas; patrulhas de homens de armas passavam pesadamente; de quando em quando, algum fidalgo, seguido por sua escolta de cavalheiros, atravessava as ruas. Burguezes, soldados, senhores, tinham a cruz branca da Liga no peito ou então, em volta do pescoço, o rosário, sinal de reunião; porque acabavam de fundar a "Confraria do Rosário", e toda Paris pertencia a ela; desgraçado do que não trouxesse nenhum desses sinais.

Entardecia; pouco a pouco os ruidos se extinguíam e do céu, mescladas aos últimos raios do sol, as primeiras sombras iam envolvendo o perfil caprichoso da velha Paris, seus tetos agudos, suas ruas estreitas e tortuosas, suas hisurtas torrezinhas com sinos e cataventos, esse grande lago esverdeado pelo musgo, semeado de sesas ilhazinhas formidáveis, sombrias e ameaçadoras que se chamavam o Templo, o Louvre, o Grand Chatelet, a Bastilha...

Foi nessa hora indecisa que quatro homens, trazendo uma padiola, se aproximaram do carro de Belgodére, estacionado ainda na praça de Gréve. Sobre a padiola havia um caixão vazio.

No carro, uma tocha resinosa iluminava; seus clarões fuliginosos lançavam vagos reflexos vermelhos sobre o corpo de Simone, estendida, dura, sobre o colchão e, atravessando as flores, iam lambendo com suas rápidas e fúnebres carícias o rosto lívido da morta.

Perto da tocha, Violeta, ajoelhada, abatida, os olhos fixos na figura amada da que chamava mãe; de quando em quando, sua mão, docemente, arranjava as flores ou os cabelos, ou tocava a fronte gelada, com um furtivo beijo; não chorava, não tinha mais lágrimas.

A sombra, lentamente, subia. Nessa meia obscuridade, no fundo do carro, Saizuma, a boêmia, assentada, imóvel, muda estátua da indiferença, longe, bem longe das cousas, perdida no caos de suas obscuras dores. Perto dela, de pé, com os braços cruzados, os lábios crispados pelo ódio satisfeito, o olhar incidido sobre Violeta, com estranhos e bruscos clarões, Belgodére...

Os quatro homens entraram, depondo a padiola e o caixão perto da morta.

— Eis! — fez um — Viemos buscar esta herética boêmia...

— Bem entendido — juntou o outro, — não há padre; e defunta o desprezou durante a vida: dispensá-lo-á em seu último passeio...

Belgodére aprovou com um sinal de cabeça e disse simplesmente:

— Apressemo-nos.

— Oh! — zombou um carregador. — Estais apressado, meu compadre! Parece-me que não quereis fazer o senhor Satan esperar!... Vamos, bela criança, lugar.

Violeta, sacudida por um longo estremecimento, lançou-se sobre o corpo de Simone, e, docemente, com palavras imperceptíveis, cheias de soluços, falava-lhe, dizia-lhe o supremo adeus... Rudemente, Belgodére arrancou-a a esse fúnebre abraço; Violeta levantou-se, recuou, com as mãos no rosto, o coração desfalecido, balbuciando ainda:

— Adeus, mamã, minha pobre mamã Simone!... Adeus para sempre!

Quando ousou olhar, Simone estava no caixão! Então a criança deu um grande grito... Sua dor rebentou, irrompeu... Calu de joelhos, palpitante, os lábios trémulos, pôs-se a tirar braçadas de flores e a enfeitar o caixão da morta. Um instante depois tudo estava acabado! Fecharam o caixão. Simone desaparecia para nunca mais aparecer —. E o segredo que em sua agonia tinha querido contar, o segredo do nascimento de Violeta, ia ser encerrado com ela no túmulo!

Os próprios carregadores colocaram o resto das flores no caixão. Desceram... Depuseram-no sobre a padiola. E puseram-se a caminho.

— Vem! — disse então Belgodére, com vos estranha.

Violeta lançou-lhe olhares esgaseados pelo desespero desse horrível minuto.

— Vem! — replicou o boêmio, com um sorriso espantoso. — Com certeza quererás deixar tua mãe ir tão só!... Vamos; dou-te licença para a acompanhares.

Foi quasi um grito de alegria que saiu da garganta da criança. Pela primeira vez, desde longos anos, levantou para Belgodére um olhar em que havia a aurora de um reconhecimento admirado.

Não sou tão mau como pensas! — resmungou o boêmio, sacudindo os ombros.

Violeta avançou...

Acompanhar sua mãe até o cemitério... triste consolação! E as patrulhas que enchiam Paris puderam ver com um calafrio de espanto e de piedade esse pobre caixão florido como o de uma princesa, pelas ruas já escuras, seguido unicamente por uma rapariga que caminhava chorando.

Belgodére deixara sua carroça, dizendo a seus dois hércules sentados nos degraus:

— Levai o carro ao albergue. Talvez não volte esta noite... E quanto a Violeta — continuou surdamente — nunca mais voltará!...

E afastou-se então a grandes passadas, e, de longe, sombrio, obliquo, roçando pelos muros, pôs-se a seguir Violeta, envolvendo-a com seu olhar chamejante, como o animal feroz segue a pista da presa, sem ruído, á noite, nos grandes bosques solitários.

No momento em que Violeta se pôs a seguir o lúgubre entêrro, um homem, oculto pelo alpendre de uma casa, com a cabeça coberta por uma capa negra que lhe caía pelo rosto, meio inclinado, palpitante, seguiu-a com um morno olhar até desaparecer.

— A vítima pôe-se a caminho — murmurou. — Resta-me prevenir o carrasco! Horrível trabalho... Pobre infeliz! O medonho boêmio te segue... e, lá em baixo, te espera Fausta! A implacável Fausta!

Esse homem estremeceu como se tivesse muito frio. Então deixou o recanto de onde vira a partida de Belgodère e de Violeta, dirigiu-se para a ponte, de Notre-Dame, que transpôs, e penetrou no dèdalo da Cité.

Entre a Catedral, silenciosamente formidável, e o Palais, de onde saíam surdos ruídos do Parlamento, reunido em sessão noturna, no meio da rua Calandre, cercando o Marché Neuf, acabado de construir há alguns meses, elevava-se uma casa baixa, feia, meio abastada, de quarentena entre as moradias vizinhas.

Durante o dia os homens se afastavam dela resmungando uma imprecação. As mulheres que por aí passavam empalideciam e faziam o sinal da cruz. Nesse aposento, em um compartimento frio, de móveis severos, de paredes nuas, tendo por ornamento somente uma cruz de ébano, uma espécie de colosso pensativo estava sentado em uma larga poltrona, o cotovelo sobre a mesa posta, a frente na mão, enquanto uma velha criada ia e vinha com passo furtivo.

— Não quereis comer, mestre Cláudio? — perguntou a mulher, parando.

O gigante fez um sinal de indiferença e de cansaço.

— Sempre essas horríveis lembranças do vosso antigo emprêgo — replicou ela, depois de um silêncio.

— Não — disse surdamente Cláudio, sacudindo a cabeça!

— Oh!... Então, é porque ainda pensais nessa criança!

— Sempre — suspirou Cláudio, como se falasse consigo mesmo. — Os minutos em que os espectros das minhas vítimas não me veem perseguir são, talvez, mais terríveis para mim. Porque então é a sua imagem que se apresenta a meus olhos... Oito anos, senhora Gilberta, decorridos quasi dia a dia, depois que ela desapareceu como um belo sonho que se esvai. Oh! minha filha, minha suave Violeta que embalsamou esses tão curtos anos de minha terrível existência, que é feito de ti? Onde estão os teus lindos olhos azues? Onde o radiante sorriso de teus lábios? Tudo em mim e tudo que me cerca não é mais do que trevas desde que não me lanças mais os teus bracinhos em volta do pescoço balbuciando a palavra "pai", que me fazia tremer de felicidade.

Mestre Cláudio deixou cair o punho nodoso como uma massa. Um suspiro saiu de seu vasto peito. E esse homem, que parecia a encarnação da força animal, continuou, com estranha doçura:

— Parece que tanta felicidade não era para mim e que eu estava condenado á solidão maldita! Contudo, lembrai-vos, senhora Gilberta, de que eu não abusava dessa ventura. Ia ver a criança só duas vezes por semana... Eram dias festivos para mim! Mas que alegria nas quintas-feiras e domingos! — acrescentou com um brilho em sua fatal fisionomia. — Com que delícia eu deixava a librê! Com que alegria, pela manhã, vestia eu a minha roupa de burguezes com a qual ela me conhecia!

— Vamos, vamos, mestre Cláudio, esquecei essas recordações que vos matam!

— Com que embriaguez — continuou ele, sem ouvi-la — eu corria a Méudon!.. Com o coração aos pulos entrava no jardim. A boa Simone vinha-me ao encontro... E a criança?... Ah! ei-la! Com os lindos braços estendidos corria para mim; levanto-a; ela aperta-me o pescoço, trepa-me ao colo rindo, tira-me o chapéu e, gritando como uma louquinha: "Mãe Simone, eis papá!..." Ah! que belo sonho!

Mestre Cláudio cobre o rosto com as mãos... Chora baixinho, sem ruído...

— Mas para que atormentar-vos assim?... — disse a senhora Gilberta.

— Meu coração!... A criança levou-o em suas mãozinhas, que tantas vezes acariciaram a minha frente!... Uma manhã..., horrível dia, dia de maldição! Em uma quinta-feira... Nunca me esquecerel... Fazia bom tempo. Sentia bem a frescura sob a sombra de Meudon... Chego, chamo... Ninguém me responde... Bom! Elas foram até o Sena, sem dúvida. E contudo... Enfim, eu não queria ter medo. Entro no jardim! Nada de Simone, nem a criança! Entro em casa... Tudo revirado como se houvesse uma luta... Quero chamar... Minha voz morre na garganta... Sinto que vou enlouquecer... Saio; clamo, grito, urro. Nada! Sempre nada!... Corro ao Sena, entro no bosque, volto á casa... Nada! Horrível dia! Caio sem sentidos, e quando volto a mim, vejo uma mulher que me trata... Minha filha? Onde está minha filha? Oh! ninguém sabe! Tudo que sabe a vizinhança é que na véspera viu passar um grupo de ciganos... Como não morrer!

— Quasi que morrestes, mestre Cláudio — disse a senhora Gilberta; — e quando destes acôrdo de vós, oito dias depois, tremendo de febre... acreditei...

Uma pancada na porta interrompeu a velha criada e ecoou em toda a casa. Gilberta conservou-se imóvel, tomada de estupor... Cláudio levanta-se violentamente, o punho na mesa, o pescoço estendido, olhos desvaírados...

— Quem será? — murmurou a velha, empalidecendo.

— Ha oito anos que ninguém bate a essa porta! — rugiu Cláudio. — Quem pode ser senão a desgraça que passa?

Uma segunda pancada mais forte da aldraba soou surdamente. Cláudio caiu pesadamente em sua cadeira e fez um sinal imperioso á criada, que saiu; conservou-se com os olhos fixos na porta da sala! Instantes depois, ouviu o ruído da tranca de ferro que se abria deixando sair os ferrolhos que gemiam... Depois houve um silêncio.

De repente, no quadrado da porta, aparece um homem, com a cabeça coberta por uma capa preta. Cláudio levantou-se e, em tom áspero e medroso ao mesmo tempo:

— Quem será?... Homem ou espectro?... Que quereis de mim?

O desconhecido deu lentamente alguns passos... Tremor convulsivo agita-o. Conservou-se mudo alguns minutos; depois, em voz baixa e rouca, pronunciou:

— Mestre, venho pedir os serviços de tua profissão...

Cláudio foi abalado por um tremor terrível. Um lívido sorriso crispou-lhe os lábios. Sacudiu-se como para lançar fora de si o fardo das suas recordações e disse:

— No tempo em que eu exercia o meu officio, o official e o grande preboste eram os únicos que me podiam chamar. Não sois nem o official nem o grande preboste... porque esses sabem que há oito anos me aposentei... Ide em paz quem quer que sejais, vós que ocultais vosso rosto ao antigo carrasco de Paris!

O desconhecido não se moveu. Com voz mais baixa, mais rouca, deixou cair essas palavras:

— Para mim, para aquela que me envia, não foste aposentado de tuas funções. Para mim e para aquela a quem devo obediência és ainda o carrasco! Olha!...

Então debaixo da capa saiu uma mão; nela havia um anel coroadado com um enorme engaste de ferro no qual estavam gravados sinais misteriosos.

Cláudio lançou um golpe de vista para esses sinais. Então um tremor o fez combaleiar! Depois inclinou-se, curvando-se muito, em atitude de profunda humildade!

— Obedeces? — perguntou o desconhecido.

— Obedeço, senhor!... — respondeu Cláudio, com voz estrangulada.

— Então, vai á casa no fim da ilha, por trás da Notre Dame. A execução é para as dez horas... Lá estarás?

— Estarei, senhor!... — disse Cláudio, com um suspiro que parecia um estertor — Dizei áqueles que vos enviam que eu estou cansado... bem cansado, que o horror pesa sobre minhas noites... Pôse eu mesmo morto..., não quero mais matar... Que amanhã desfarei o pacto que me prende.

E pondo-se em pé, acrescentou:

— Dito isto, senhor, não conteis mais comigo.

Esta execução será a última!

— A última! — disse o homem. — Seja!... Agora, Cláudio, vou mostrar-te o rosto que me acusas de ocultar.

— Que me importa vosso rosto? — rugiu Cláudio. — Vi vossa mão... Vi o horrível anel de ferro; isso basta!... Ide em paz, senhor!...

— E' preciso, entretanto, que me vejas face a face — disse o desconhecido, soluçando. — Porque agora não é mais ao carrasco que falo! Não é mais o mensageiro da soberana que te fala!

Com um gesto rápido, deixou cair a capa e seu rosto apareceu com uma palidez de espectro.

Cláudio recuou, ofegante, murmurando com indizível acento de terror, desconfiança e remorso, talvez.

— O bispo!... O príncipe Farnése!... O pai da menina...

— Da criança que roubaste! — disse Farnése.

— Sim, sou eu. Eu que te amaldiçoiei! Eu que acabo de amaldiçoar-te ainda, porque não tens pena da minha desgraça. Ou antes, não te amaldiçoou. Uma esperança insensata sustentou-me até hoje. Sim, espero ainda. E' como suplicante que venho. Escuta! Dize-me a verdade! Sê homem uma vez em tua vida!

Cláudio hesitou um instante... Depois sacudiu a cabeça. Farnése esperou ansioso.

— A verdade — murmurou enfim Cláudio — já vos disse quando viestes, há pouco mais ou menos quinze anos.

Farnése baixou a cabeça, incrédulo, e vacilou.

— Ela morreu! — continuou Cláudio, com voz glacial — Morreu três dias após aquele em que a recolhi ao pé do cadafalso... Faleceu nos braços da mulher a quem confiei...

O cardeal príncipe Farnése não disse mais coisa alguma. Levantou os braços para o céu e deixou-os cair novamente. Depois retomou a sua capa, envolveu a cabeça e, com um lúgubre gemido, dirigiu-se para a porta. Cláudio rapidamente atirou um capote sobre os ombros, seguiu Farnése e juntou-se-lhe no momento em que chegava á rua. Tocou-lhe no braço e com um acento de timidez:

— Perdão... Uma palavra ainda!

Farnése estremeceu violentamente, arrancado de seus pensamentos de insondável amargura:

— Que queres tu?

— Não me dissesstes quem devo executar esta tarde.

— Ignoro-o — disse Farnése, friamente.

— E' um homem ou mulher?

— Uma mulher, uma jovem!

Cláudio estremeceu angustiosamente. Uma moça. Um ser gracioso e frágil ia ele suprimir!...

— Infortunada! — murmurou.

Nesse momento o sino de Notre-Dame ecoou e as ondulações sonoras espalharam-se pela Cité adormecida em uma infinita tristeza... Os dois homens,

o cardeal e o carrasco, ficaram imóveis contando as badaladas. E quando o sino cessou de tocar, disse um deles, surdamente.

— A hora da execução.

Depois levantou a mão como para dar uma ordem suprema e, lentamente, com seu passo silencioso, a cabeça inclinada, tomou a direção de Petit-Pont. O carrasco enxugou o suor que lhe inundava a fronte... E encaminhou-se para a Notre Dame, para a extremidade da ilha em que ficava situada a misteriosa casa da princesa Fausta, pensando:

— A última execução... A última vítima!

A CASA DA CITÉ

SIMONE foi sepultada no cemitério dos Inocentes, por ser o mais próximo, no recanto reservado aos hereges, e nem sequer colocaram uma cruz no lugar em que repousava, por haver pertencido a um grupo de saltimbancos, boêmios, excomungados, gente destituída de qualquer direito.

Quando o caixão desceu a sepultura e o coveiro lançou as primeiras pás de terra, Belgodére tomou Violeta pela mão, e a jovem se deixou levar sem resistência.

Violeta estava mortalmente triste. Sua mão gelada tremia na do boêmio.

A noite estava negra; a cidade assemelhava-se-lhe uma solidão horrível; caminhava sem prestar atenção ao trajecto por ela percorrido.

No entanto, no fundo de seu coração, brilhava, docemente uma imagem consoladora, que parecia acompanhá-la para protegê-la, murmurando-lhe ao ouvido não se achar ela só no mundo.

O moço de límpido olhar, de voz cariciosa, voltaria? Ah! ignorava até o seu nome; mas ele a olhara com uma tão fraternal expressão de piedade, ela o tinha visto tão comovido, quando entrara na carroça, com braçadas de flores, que seu seio virgem palpitava ainda com essas recordações e ao seu luto filial juntava-se uma comoção inocente e muito pura.

Sim, ele, voltaria, pois havia dito até amanhã! Sim, voltaria... E estas últimas palavras de Simone eram para o seu coração um consólio:

— Esse moço... será teu salvador..., porque te ama!...

Ser amada por ele, que sonho!...

De repente compreendeu que Belgodére não se dirigia para a praça de Gréve, nem para a rua da Tissanderie, onde se achava o "Albergue da Esperança".

— Para onde me leva? — balbuciou a jovem, horrorizada.

O boêmio, sem responder, apertou mais fortemente a mão de Violeta, andou mais depressa, passou entre a dupla ordem de casas de um ponto, transpôs o rio, voutou á esquerda; o lugar era sinistro; enfim do Cloitre... Eis a Cidade!

A Cidade. A ilha do Palácio terminava em dois promontórios: um, a oeste, era o terreno em que se apoiavam as primeiras construções de uma ponte, por acabar, onde vinte e seis anos mais tarde devia elevar-se o cavalo de bronze com a estátua de Henrique IV e que, não sabemos porque, continua a chamar-se a Ponte Nova.

A leste, havia por trás da Notre Dame e no palácio arquiépiscopal, uma língua de terra sobre a qual havia duas construções semelhantes a duas irmãs que se davam as mãos; mas duas irmãs bem diferentes: uma era pequenina criatura, e a outra, um monstro hediondo.

A pequena, alegre, com janelas adornadas de belos vitrais, tendo á sua entrada uma taboleta pretençiosa, engrinaldada, onde se podiam ler essas pa-

lavras esquisitas, alusão talvez a outro qualquer acontecimento:

"Albergue do Espremedor de Ferro".

"Pertence a Rousotte e Paquette".

A outra casa, muito grande, apresentava um aspecto silencioso, horrível; paredes apodrecidas, leprosas, poucas janelas; como que se desfazião sob o peso da velhice, do abandono; causava tristeza e horror; o portão de ferro com enorme martelo de bronze, dava-lhe uma aparência de fortaleza... Fortaleza guardando mortos, segredos monstruosos.

O promontório desapareceu, comido pelas águas pacíficas; a terrível casa já não existe; em seu lugar eleva-se hoje, timidamente, uma construção humilde e baixa, aos pés da qual o Sena geme com soluços de terror, que se perpetua até hoje nesse recanto de Paris... A Morgue!

Belgodère, conservando sempre na sua a mão de Violeta, parou um instante em frente ao Albergue do Espremedor de Ferro", mas, sacudindo a cabeça, encaminhou-se para o formidável portão da casa vizinha.

— Onde estamos? — balbuciou Violeta, lançando em torno um olhar amedrontado.

Belgodère não respondeu. Fez soar o martelo de bronze.

— Tenho medo! Oh! Tenho medo!...

A porta de ferro abriu-se sem ruído.

Violeta recuou; o boêmio segurou-a fortemente. Em um segundo ela se viu em um vestibulo ladrilhado, com altas paredes nuas, fracamente iluminado, onde estavam dois homens mascarados, com punhais nus á cinta.

— Onde estou? Onde estou?!... falou tremendo a menina.

— És a pequena que eu, Belgodère, prometi trazer. E' aqui mesmo? — perguntou o boêmio.

— E' aqui — respondeu um dos dois guardas.

No mesmo instante um homem lançou sobre a cabeça de Violeta um saco de pano preto, o qual apertou com um cordão. Sem um grito, sem um suspiro, paralisada por um desses temores extraordinários, como se estivesse sob a ação de um terrível pesadelo, Violeta sentiu-se levantada e arrastada para onde não sabia!

O outro gigante mascarado entregou a Belgodère uma bolsa recheada:

— Eis os ducados de ouro que pedistes.

— Não fui eu que pedi — gaguejou o mellante.

— Foi o senhor duque que me disse: dez bolsas contendo cada uma dez ducados...

— O senhor duque? — perguntou o homem, com admiração — Queres dizer que o príncipe?

— Duque, príncipe, o que quizeres. Pouco importa. O essencial é o meu trabalho.

— E' verdade, o essencial. Toma o teu dinheiro e vai-te!... Um instante, amigo: se queres ter a língua arrancada, se queres ser enterrado vivo, não tens mais do que soprar a uma alma viva o que acabas de fazer... Ainda um conselho: trata de esquecer esta casa, que ninguém te veja por aqui, e sem mais, ao largo!

O boêmio curvou-se até o chão, com um sorriso sardônico, e saiu recuando, desaparecendo na escuridão.

Dez horas soaram na Notre-Dame. Desde muito que Belgodère havia desaparecido. Justamente a essa hora mestre Cláudio se aproximava, por sua vez, da terrível casa, fazendo soar o martelo de bronze.

A porta abriu-se sem ruído, como havia pouco para o boêmio e Violeta. O algoz, a vítima e o carrasco.

Sem dúvida os dois mascarados o reconheceram, pois um deles lhe fez sinal para segui-lo ao interior da casa: certamente mestre Cláudio conhecia esse interior, porque não manifestou nenhuma admiração pelo que via.

Contudo, havia motivo para horrorizar o espírito e amedrontar a imaginação!

Desde os vestibulos, essa hedionda casa, cuja fachada oscilava, cujas paredes exteriores, poeirentas, denegridas e ruídas pela lepra dos séculos, caíam em ruínas, essa casa se transformava em fabuloso palácio de monarquia asiática; uma sucessão de pavimentos vastos, adornados com uma magnificência inaudita, terminava em um salão no fundo do qual, sob um dossel, se elevava um trono de ouro, maravilha de escultura e cinzelaria.

Os tetos dessas peças pintados a fresco, as altas paredes cobertas de telas de Tintoretto, Anibal Carrache, Rafael, Correggio, Veronese; aparadores de carvalho, preciosamente esculpidos os admiráveis estofos das cadeiras, os mosaicos valiosos, dos pátios, os suntuosos estofos, as panóplias de armas cintilantes formavam um prodigioso conjunto de um luxo espantoso, de severa beleza, de gosto muito puro...

Na sala do trono doze toucheiros de ouro massivo, suportando cada um doze velas de cera rosca, colunas alternativamente de jaspe e mármore, enormes vasos de porfírio contendo gigantescos ramalhotes de flores radiantes, tapeçarias da Ásia, sessenta cadeiras de espaldares muito altos, todas com uma tiara esculpida, com um F. bordado, sob o qual se cruzavam duas chaves simbólicas. Estátuas de mármore, entre as colunas, constituíam uma decoração fantástica, extraordinária e que parecia guardar, como um tesouro das mil e uma noites, vinte e quatro homens de armas vestidos de aço, silenciosos, imóveis, alabardas em punho, sendo doze á esquerda e igual número á direita do trono.

Esse esplendor conservava não sei que de formidável, como se fôra feito por algum soberano oriental, ou imperador antigo, distribuindo em torno de si, segundo o seu capricio, o amor ou a morte.

O carrasco passou por entre essas maravilhas sem um tremor, seguindo o seu mudo guia; chegou enfim a uma sala situada nos fundos desse palácio, para o lado do Sena paralela ao lúgubre vestibulo da entrada. Era nua essa sala, fria e úmida, com paredes de pedras cinzentas, sem um móvel; somente ao longo das paredes havia cadeiras presas por anéis de ferro. Era como se fôra de uma encantadora residência de fada. Passou-se de repente para uma masmorra que servia de antecâmara ao condenado que vai marchar para o suplício.

Ali havia uma mulher vestida de preto. Não se via o seu rosto; mas em sua mão brilhava um anel semelhante ao do príncipe Farnese, com os mesmos sinais: somente o do cardeal era de ferro e o dessa mulher era de ouro puro; os caracteres do engaste eram traçados com diamantes que fulguravam na penumbra.

Esse mulher era a mesma que vimos na praça de Grève; era a mesma que Farnese chamara "Santidade".

Era Fausta!

Os olhos de Cláudio dirigiram-se para o anel, como se ele o tivesse avidamente procurado. Tremou e, caindo de joelhos, murmurou:

— A Soberana!...

Tremendo com pavor e ao mesmo tempo veneração, curvou a fronte ao chão.

Com voz melodiosa, que inspirava amor e respeito, como se fôsse um arcanjo exterminador, Fausta pronunciou com estranha e glacial solenidade:

— Carrasco! Nós, grande sacerdotiza da Ordem á qual tens obedecido, julgamos e condenamos á

morte uma criatura humana cuja vida é uma ameaça aos projetos sagrados de que somos depositária. Carrasco! Aceitaste o encargo de executar as secretas sentenças que revelam a divina justiça. Entra no quarto das execuções; lá a condenada espera o resultado do teu trabalho.

Cláudio ergueu a fronte e estendeu as mãos para Fausta.

— Queres falar? Eu o permito!... — disse Fausta.

— Soberana — balbuciou, tremendo, — eu, insignificante e humilde, ousou dirigir uma súplica à deslumbrante Magestade, aos pés da qual me prostro.

— Fala, carrasco. Vivemos para punir e também para consolar...

— Consolar!... Sim! E' de consólo que tenho necessidade... Minhas noites de insônias são povoadas de espectros. O vento que passa traz-me as lígimas e as maldições daqueles a quem matei... Em vão, grito que sou apenas instrumento da justiça humana! Debalde imploro a Deus paz para minha alma. Vejo a Morte com cuexpressível terror... Tenho medo, Soberana! Medo de morrer sem a absolvição suprema que me prometeu o vosso portador!... Ha dois anos que jurei obediência, por três vezes vim aqui exercer meu terrível mister... e o Sena a ninguém disse o segredo de três cadáveres que lhe dei.

Um horrível soluço saiu da garganta de Cláudio e essa figura monstruosa mostrou-se emocionada pelos horrores da superstição delirante, roçou a sua vasta fronte pelo chão e, com louco desespero:

— Consultei vinte doutores, e, sabendo quem eu era, nenhum me respondeu; implorei piedade a mais de cem padres; nenhum quis traçar sobre a minha cabeça o sinal redentor que me daria repouso!... Ao vosso portador, Soberana, recusei o ouro que me ofereceu; mas quando me prometeu a absolvição, assiniei o pacto!... Por três vezes, disse eu, obedeci, Soberana. Agora não posso mais; o terror me esmaga; vejo abrir-se diante de mim, pavorosos mistérios da danação eterna. Soberana, tenha piedade de mim!

— Fizeste bem em abrir-me a tua alma — disse Fausta com acento de penetrante doçura. — Carrasco, terminou a prova. Vai amanhã à Notre-Dame, depois da missa serás ouvido em confissão geral, não por um simples padre, mas por um príncipe da Igreja, munido em tua intenção de plenos poderes de Sua Santidade... E' a própria Santidade que derramará sobre a tua fronte o tesouro das indulgências que farão de ti um homem como os outros e te darão o sono, afastarão de teu espírito os terrores infernais e te embalarão na serenidade da paz paradisíaca.

E, com voz de supremo comando, estendendo um braço, designou uma porta, acrescentando:

— Agora, Carrasco, vai-te... Extingue mais essa vida... Por esse preço serás absovido pelas mortes que fizestes e livre dos teus espectros.

Cláudio levantou-se com um salto, o rosto resplandecido em pavoroso êxtase. Terrível mudança operou-se em sua fisionomia, onde dominava uma implacável resolução.

— Dissestes que serei absovido de todo o meu passado?

— Serás absovido!

— E que essa execução será a última? Depois não matarei mais ninguém?...

— Será essa mulher a última vítima!

— Que morra pois! — rugiu Cláudio, dirigindo-se para o quarto das execuções.

Este homem que se prostrava aos pés de Fausta que se dirigia para a porta que se lhe designara, com rude passo de fera, era o carrasco... Entrou bruscamente, fechando a porta atrás de si.

Fausta aproximou-se; colando o rosto em uma invisível fresta, olhou o que se ia passar no quarto das execuções.

Essa peça, encravada nas paredes da casa, ficava sobre o Sena. Não tinha janelas. A lampada suspensa no teto muito alto, em vez de iluminar, aumentava o escuridão, e dava por assim dizer, relevo às sombras que povoavam esse antro.

As paredes eram de madeira mal talhadas, bem como o soalho.

No meio deste se viam vestígios de um alcapão fechado, no qual havia uma argola com uma corda que subia para o teto por um sistema de roldana descendo pela parede, onde estava presa por um nó a um grande prego; desfazendo esse nó, a corda desfilava na roldana solta, a tampa do alcapão caía. Qualquer coisa que estivesse sobre ela era precipitada.

Em baixo o Sena corria com surdos lamentos, marulhar d'água que se assemelhava a gemidos, soluços semelhantes a maldições.

Entretanto, o carrasco devia apanhar um rolo de cordas, amarrar a vítima, estrangulá-la com um puxão rápido, depois colocar o cadáver no alcapão e deixar cair a tampa!...

Eis o trabalho!...

Viu o carrasco, no meio da sala e na livida claridade difusa, aquela a quem ia tirar a vida. Estava desmaiada, estendida no soalho, sem dúvida de terror; a cabeça, envolta em um saco preto, repousava sobre o alcapão. Não se movia... Não respirava mais, quem sabe?... O carrasco fez um gesto de decepção, ou de vergonha... Sua resolução esmoreceu.

— Quem é essa infeliz? — murmurou. — Que teria feito? Por que é preciso morrer? E sou eu quem há de matá-la...

Tremeu fortemente. As três execuções anteriores eram em homens, era luta... a horrível luta despertava-lhe os instintos de carneiro, de fera que não perdôa... Mas uma mulher... jovem, bela talvez... inocente, quem sabe?... Uma infeliz criatura sem necessidade de morrer!... Uma infeliz que se lhe entregava... com a cabeça já sobre o alcapão fatal... Era só empurrá-la para a morte!...

Cláudio voltou a cabeça... Seus olhos vacilavam... Nunca teria coragem de pôr as mãos sobre essa última vítima.

Dirigiu-se para o prego em que estava amarrada a corda que sustinha o alcapão! Mas se foi arrastando pelas paredes sem olhar a vítima. Caminhou curvado, nas pontas dos pés, ansiando, formidável, chelo de compaixão; o suor corria-lhe em grandes bagas pelo rosto. E foi assim que atingiu a corda. Sem ousar voltar-se, estendeu a mão para o nó, que começou a desfazer... Nesse momento a condenada, a vítima, soltou um suspiro, que souu na cabeça do carrasco como o clangor das trombetas do Juizo Final. Cláudio recuou e conservou-se imóvel, escutando, lutando contra esse pensamento horrível...

— Ela acorda... E' preciso que a mate antes de precipitá-la... Poderia salvá-la!...

— E depois ela sofreria mais se se afogasse... Devo matá-la... para não sofrer!...

Então se voltou com um rouco rugido, uma violência com a qual procurava excitar-se; deu um pulo até a condenada, ajuehou-se, ou antes, agachou-se a seus pés preparando o cordão do estrangulamento...

— E' preciso que morra — gaguejou, devo matá-la. Ainda assim!...

A vítima fez um movimento. Palavras apenas balbucadas chegaram ao ouvido do carrasco.

— Adeus, mãe! Querida mãe!... Pai, pai!... Onde estás?

(Continúa no próximo número)

SEARA ALEGRE



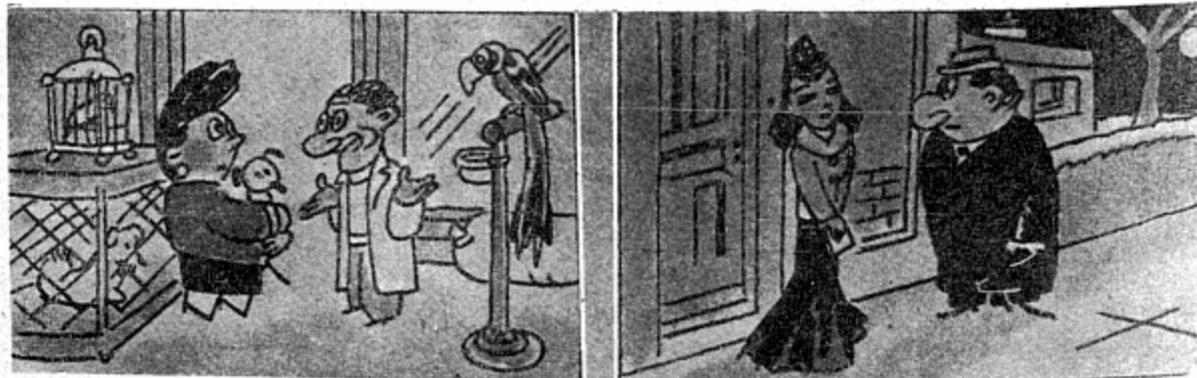
— Ilha é uma extensão de terra cercada de água por todos os lados, menos por um.
 — Como? Menos por um? Poderá você dizer-me qual seja?
 — Por cima.

— «Nosso amigo, arrancado pela morte dos braços de sua jovem esposa, tão jovem que há pouco completou 25 anos...»
 «A viúva, interrompendo»: «Perdão! Vinte e três...»



— A senhora não viu que lhe fiz sinal para que parasse?
 — E você pensa que eu recebo ordens de um qualquer?

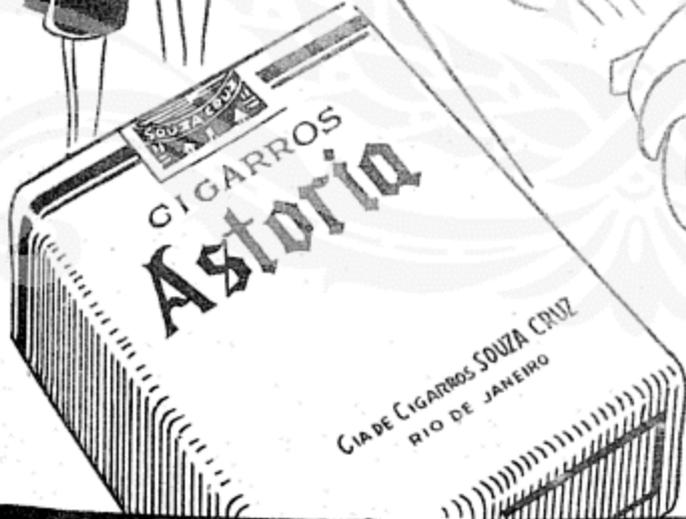
— Por que o senhor não quer mais o menino aqui na loja, «seu» Jacob?
 — Porque, sempre que me vê dar um espirro, põe-se a chorar!...



— Quando o senhor me vendeu o cachorrinho, disse que ele era ótimo para os ratos, mas, até agora, não matou nenhum.
 — Exatamente por isso afirmel que era bom para os ratos: nunca lhes fez mal!

— Que aborrecimento! Já é uma hora da manhã e mamãe passou a chave na porta!
 — Que pensas fazer, então?
 — Vou me sentar aqui na soleira e esperar que ela chegue...

...É SO FUMA
ASTORIA!



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

7xiii=501/pio



★ **CARMEN MIRANDA** ★
"UMA BAIANA" "MADE IN U.S.A."